

Boletim INCT Caleidoscópio – Edição #1

[Link do Boletim](#)

Português ! [English](#)



Editorial: Instituto de Estudos Avançados em Iniquidades, Desigualdades e Violências Sexuais e Suas Múltiplas Insurgências

INCT Caleidoscópio: uma iniciativa necessária

Viviane Res

Karla Bessa, Pesquisadora do Instituto Pagu

O campo acadêmico e universitário brasileiro é historicamente constituído por disparidades e desigualdades de gênero nas diferentes áreas. Para citar apenas os dados mais recentes, provenientes do Painel de Fomento em Ciência, Tecnologia e Inovação do CNPq, lançado em 2019, 16.108 bolsistas de produtividade em pesquisa no Brasil, e apenas 5.642 são mulheres, menos de 35,6%. Muitos outros indicadores apontam para a precariedade, que se refere à diminuição percentual de mulheres quanto mais altos os níveis hierárquicos na academia brasileira. O caráter de violência de gênero dificulta a projeção das mulheres na carreira acadêmica, incluindo a falta de políticas de reconhecimento e incentivo à dupla jornada, que transfere para mulheres a maioria das atividades de cuidado e reprodução da vida; a ausência de políticas afirmativas editais científicos e tecnológicos; a discriminação de gênero, consciente e inconsciente; ou ainda o assédio (sexual e moral), explícito ou implícito. Tudo isso opera para manter a projeção do trabalho de mulheres nas ciências aquém do possível, desejável e necessário.

Atento a essas desigualdades, o INCT Caleidoscópio – Instituto de Estudos Avançados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Gênero e Suas Múltiplas Insurgências, apoiado pelo CNPq, com inserção nas cinco regiões do País e sediado na UnB, investe na consolidação de observatórios de vulnerabilidades que atingem mulheres em geral e mulheres na ciência em especial; em incubadoras sociais com ênfase na colaboração do pós-doutorado ao ensino médio; em atividades extensionistas junto à educação básica, e em uma política de divulgação científica voltada para futuras gerações para a importância de mulheres nas ciências e das ciências para a melhoria de vida de todas as mulheres.

O INCT Caleidoscópio é uma conquista recente, com aprovação na Chamada 58/2022 do Programa de Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia e um sonho antigo, acalentado numa perspectiva feminista, transfeminista e antirracista em coletivas ligadas a universidades brasileiras em setores sociais. Em 2020, núcleos de estudos de gênero e sexualidade da UFBA, da Unicamp e da UFSC lideraram um encontro nacional dedicado à pesquisa sobre essas temáticas. Realizado online, o encontro reuniu mais de 100 pesquisadoras de todo o país. No ano seguinte, reunidas levaram adiante a criação coletiva da Rede Caleidoscópio, Rede Nacional de Centros e Núcleos de Estudos Feministas, Transferência de Saberes, Decoloniais e Transdisciplinares. A formação da rede objetivou marcar posição diante das desigualdades de gênero e sexualidade em um momento de perseguição aos estudos de gênero no Brasil.

Foi a partir da Rede Caleidoscópio, em suas iniciativas de articulação online, que se articulou um grupo de professoras e pesquisadoras de preparar a proposta coletiva que concorreu à Chamada 58/2022 do Programa de Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia - INCT Caleidoscópio tornou-se o primeiro INCT marcadamente feminista do país. A urgência das iniciativas lideradas pelo INCT Caleidoscópio é dada com que iniciamos este texto, mas também na constatação de que das 58 propostas aprovadas naquela Chamada de 2022 apenas 10 foram de mulheres. Mais ainda: nas violências e obstáculos que enfrentamos todas as mulheres nas universidades e centros de pesquisa brasileiros em suas funções.

Coordenado e gerido por pesquisadoras oriundas de diferentes áreas acadêmicas e regiões do País, o INCT Caleidoscópio reúne grupo de observatórios de universidades das cinco regiões. A atuação do Instituto inclui quatro principais frentes, cujas iniciativas piloto são apresentadas nos textos. São elas: 1) os observatórios de violências e vulnerabilidades que atingem mulheres em geral e mulheres na ciência em especial, com propostas capazes de fomentar políticas – o observatório piloto focaliza as regiões Sul-Suldeste; 2) incubadoras sociais com quadros universitários fortalecendo relações entre universidade e sociedade, com ênfase na colaboração intergeracional entre níveis de formação do pós-doutorado.

incubadora piloto tem escopo nas regiões Norte-Nordeste; 3) ações extensionistas, enredando o Caleidoscópio na educação básica – in realizadas na região Centro-Oeste; 4) política de transferência de conhecimento e divulgação científica voltada à sensibilização de futur de mulheres nas ciências e das ciências para a melhoria de vida de todas as mulheres – nessa frente online, colocamos no ar o site do C sociais, produzimos este Boletim e estamos trabalhando em podcasts e outras iniciativas.

A criação do INCT Caleidoscópio, sua aprovação em chamada pública e a instalação de seus projetos piloto neste primeiro ano de exist dúvida, expressiva conquista para os estudos feministas, transfeministas e antirracistas no Brasil, com potencial para fortalecer as redes outras, combatendo também a desigualdade regional em ciências, por sua organização em sedes regionais com atuação articulada. O I acadêmica e política de mulheres, com escopo interdisciplinar, intergeracional e interinstitucional, para fazer frente às iniquidades, desi afetam.

Além do foco na exposição e análise das estruturas falocêntricas e racializadoras que ainda prevalecem nas IEs Brasileiras, o INCT tem c visibilidade e incentivar insurgências, práticas que promovem rupturas substanciais e sugerem novas possibilidades de atuação equitati produção de conhecimento. As múltiplas insurgências contra esses sistemas compartilham o objetivo de desafiar as normas sociais que demanda investimento em políticas que abordem o problema de maneira enfática. O conhecimento produzido coletivamente nas inicia e qualificar o debate público, incidindo sobre a formulação de políticas institucionais e políticas públicas, partindo do princípio de que f mulheres nas ciências podemos produzir uma ciência mais relevante para as vidas de todas as mulheres.

Algumas realizações do INCT Caleidoscópio em seu primeiro ano de existência

Nosso primeiro ano foi de organização das três sedes básicas de atuação, para isso, montamos uma equipe com o Comitê Gestor, Coor bolsistas de pós-doutorado, cinco bolsas de trabalho técnico e 02 de Iniciação Científica. Equipe Sul-Sudeste (UFCS e Unicamp), equipe apenas UNB), equipe Norte-Nordeste (UFBA e UFPB). Cada uma destas equipes foram adensadas ao longo do ano, como mostram os t do boletim, ampliando o trabalho conjunto com as 24 instituições parceiras e outras, que foram convidadas para compor as nucleações

Uma das principais realizações de visibilidade do INCT foi a criação do site oficial e de nossas mídias sociais (Instagram, YouTube), incer pesquisas, produções científicas (artigos, livros e palestras), entrevistas, materiais audiovisuais, podcasts, dentre outros. A nossa busca é diálogos com e entre nossos pares da comunidade científica e, como não poderia deixar de ser, entre nós acadêmicas e os movimentos negro, moradia, movimentos indígenas, movimentos pela terra, por moradia, pelo fim das desigualdades sociais), gestores públicos, ins enfim, fazer circular para além de nós mesmas nossos investimentos na busca de um conhecimento mais rigoroso e ampliado sobre as manifestações de violências que infelizmente ainda são naturalizadas e vividas nas relações cotidianas dentro e fora das universidades k

Parte desse esforço se fez sentir ainda nas nossas articulações por parcerias institucionais internacionais, articuladas em atividades com participação em duas reuniões promovidas pelo British Council no Brasil (uma em São Paulo, outra em Brasília), nas quais o conselho aq um Marco Referencial para Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior no Brasil, marco este que em muito dialoga com as Caleidoscópio, principalmente no entendimento de que é fundamental promover a diversidade de gênero no Ensino Superior, bem con entanto, embora o projeto do British Council represente uma excelente iniciativa, consideramos que a ausência de uma consulta aos ór dedicados aos Estudos de Gênero e Sexualidade no país, torna a proposta unilateral, ressoando práticas colonialistas. Outra diferença i British Council e o INCT Caleidoscópio é que a nossa premissa não é apenas de inclusão, pois não é uma igualdade neoliberal que nos j discrepâncias de gênero nas diversas áreas de conhecimento, mas sim, a geração de conhecimento sobre quais mulheres, numa perspe participando e quais estão fora das instituições superiores. Também nos move a necessidade de saber que dificuldades estão enfrentar suas carreiras acadêmicas. Sabemos que os “perfis” considerados de sucesso, aqueles que recebem bolsas e acesso a promoções, que a liderança, criam outras formas de disputa e de não cooperação entre mulheres e entre estas e homens, por exemplo.

No âmbito das atividades internacionais, destacamos as visitas técnicas realizadas pela coordenadora do INCT à Espanha – em colabora Studies , financiadas pela Capes e pela FAP/DF – e à Universidad de la Republica, do Uruguai, pela qual foi convidada a ministrar curso coordenadora do INCT esteve, com apoio da Unicamp e do CNPq, junto à Universidade de Lancaster e ao King’s College, no Reino Unic pesquisas conjuntas, as trocas e, ao mesmo tempo, dar visibilidade às nossas criações e debates. Assim, já no primeiro ano de criação d estreitamos laços com parcerias nacionais e internacionais registradas em nossa proposta inicial.

Diante desse entusiasmo que tomou conta do INCT Caleidoscópio em 2023, convidamos cada pessoa, estudiosa ou não de gênero, aca inteire do que estamos fazendo. A leitura dos demais textos que compõem este primeiro boletim certamente permitirá uma compreens sobre os primeiros passos dados, seja na análise dos indicadores oriundos do CNPq, com um olhar detalhado e específico para o que n distribuição de bolsas de pesquisa nas Humanidades; seja sobre nossas frentes de nucleação que visam, além de articular o debate sob de gênero nas universidades, levantar ações exitosas em curso, para fazer florescer o debate naquelas instituições em que ainda não há atendimento de violências de gênero. Nossa primeira incubadora traz ainda uma reflexão fundamental sobre a presença de mulheres do Norte e Nordeste e avalia as dificuldades que enfrentam em suas formações, tanto pelas diferenças ligadas ao campo do saber e da quanto para se manterem economicamente durante seus períodos de estudo, ou seja, traz um balanço das lutas pela permanência de n

ensino superior. O texto sobre a Incubadora piloto também apresenta uma visão geral da estrutura de funcionamento da Incubadora, c UFCEG) e conselhos. O boletim traz também uma reflexão sobre o que entendemos por “divulgação científica” numa perspectiva feminista não menos importante, explora as trocas realizadas na atividade extensionista do “Caleidoscópio enredado nas escolas”, realizado em parceria com bolsas pela Universidade de Brasília.

Neste primeiro Boletim, relatando algumas de nossas realizações iniciais, queremos dar as boas-vindas à comunidade engajada em pesquisas transfeministas e antirracistas de todo o Brasil. Daqui para frente, este Boletim terá duas edições anuais. Desejamos uma boa leitura e perspectivas abertas. Estamos em contato!

Artigos

INCT Caleidoscópio: uma política de divulgação científica feminista amefricana e anticapitalista

Inara Fonseca, Unicamp
Karla Bessone

*Recalques que se desnudam;
novos eus que se projetam/
caras que se transfiguram
envernizadas de suor.
Giram bambas as cabeças;
as pernas são piões girando, e, entre fugas e chegadas, almas e corpos
supõe-se que se vão desagregar.
E o batuque continua
alto e profundo; dir-se-ia
vir dos dedos das estrelas,
vir dos abismos do oceano,
vir dos seios da floresta,
vir dos longes de mim mesma,
vir de cardíacas bulhas,
vir do peito do Brasil!...
(Gilka Machado)*

Ao escrever sobre as marcas africanas do “pretuguês” no Brasil, Lélia Gonzalez expõe sua certa e indignada análise sobre como o racismo estrutural, a crítica e o conhecimento cultural elaborados nas universidades elitizadas do século XX – reiterados e reformulados nas mídias de televisão e hoje nas diversas plataformas e multimídias sociais) que nomeia as práticas de pessoas negras sob “o véu ideológico do branqueamento”. Gonzalez, recalca toda a potência cultural amefricana com “classificações eurocêntricas do tipo “cultura popular”, “folclore nacional”, “cultura negra” (Gonzalez, 1988). Glória Anzaldúa, tal qual Lélia Gonzalez, analisa a estrutura racista que atravessa sua sociedade de origem e a importância do espanhol chicano, uma língua inventada pelo povo chicano que comunica suas realidades e seus valores, no sentido de romper o silêncio.

O silenciamento tem sido uma condição histórica na qual muitas e diversas mulheres estão imersas, principalmente se considerarmos a precarização e vulnerabilização étnico-raciais; e de acesso a escolarização, direitos e justiça reprodutiva – dificultando ainda mais suas perspectivas e debates éticos/políticos que permeiam a produção de conhecimento, tecnologias e equipamentos sociais, que em muito mudam as outras vidas não-humanas que coabitam na terra.

*e quando falamos temos medo
que nossas palavras não sejam ouvidas
nem bem-vindas
mas quando estamos em silêncio
ainda assim temos medo
Então é melhor falarmos
lembrando-nos
de que nunca fomos destinadas a sobreviver
(LORDE, 1995, tradução nossa)*

Sepultando os silêncios, as mulheres têm aberto caminhos. O impacto do movimento feminista na produção do conhecimento científico narrado por distintas pesquisadoras (KELLER, 2006; HARDING, 1998; MARTIN, 2006; PINHEIRO, 2019; SCHIEBINGER, 2008; LOPES 2006 e um instituto que faz ciência a partir de uma perspectiva feminista interseccional, surge quando alguns núcleos e centros de pesquisa de sexualidades, dissidências e suas interseccionalidades completam uma média de 30 a 35 anos de existência. Contexto no qual o debate no âmbito acadêmico e na sociedade como um todo, passaram por ataques e violências – como foi, por exemplo, o apagão vivido das pesquisas no âmbito dos estudos de gênero no país desde o golpe de 2016 que levou a extrema direita a ocupar os poderes Executivo e outras palavras, o INCT Caleidoscópio emergiu no cenário das políticas públicas de incentivo ao desenvolvimento de redes acadêmicas feminista – tendo como um de seus objetivos a divulgação científica voltada para a sensibilização de jovens pesquisadoras em formação e importância da atuação politizada de mulheres nas ciências e das ciências para a melhoria de vida de todas nós. Nesse sentido, estamos importantes destacar o que entendemos por “divulgação científica”, pois também estamos tentando criar aqui uma forma de comunicação realidades.

O intuito primeiro da divulgação científica é de promover uma relação colaborativa e democrática entre pares da própria comunidade institucionais e pessoas que pesquisam e a sociedade como um todo. Ao longo dos anos, distintos modelos foram formulados para pensar das ciências as mulheres foram invisibilizadas e o seu acesso aos espaços de pesquisa e produção científica negados e/ou dificultados, entre ciência e sociedade foi inicialmente pensada por homens, mais precisamente homens brancos e euroestadunidenses inseridos no individualista, falocêntrica, fundada na racialização e subalternização das alteridades (sexuais, étnicas e de gênero).

Eu fui criança num tempo de esperança. Queria ser cientista desde os primeiros dias de escola. (...) Nem sei se já conhecia a palavra ciência mergulhar em toda essa grandiosidade. Eu estava seduzido pelo esplendor do Universo, deslumbrado pela perspectiva de como funcionam, de ajudar a revelar mistérios profundos, de explorar novos mundos – talvez até literalmente. Tive a boa sorte de ver este sorriso mim, o fascínio da ciência continua tão atraente e novo quanto naquele dia, há mais de meio século, em que me mostraram as maravilhas. Divulgar a ciência – tentar tornar os seus métodos e descobertas acessíveis aos que não são cientistas – é o passo que segue natural e im

Carl Sagan é certamente um dos mais aclamados divulgadores científicos e, de fato, seu trabalho (seja com romances, séries ou filmes) segue um marco na história da divulgação científica. Entretanto, ao lermos sua declaração sobre a relação ciência e sociedade, temos sua divulgação científica: de um lado uma pessoa (nesse caso, um cientista) – sujeito do conhecimento, aquele que sabe; de outro um conjunto de saberes, aqueles geralmente objetificados que precisam de alguém para traduzir o conhecimento científico para que possam acessá-lo. / é também a perspectiva hegemônica sobre a ideia historicamente construída do que é divulgação científica: uma espécie de ponte que diferentes, opostos e incomunicáveis (SAMAGAIA, 2016).

Por um modelo de divulgação científica feminista, amefricana e anticapitalista

*Quando fomos proibidas
de chegar perto daquela árvore
o melhor a ser feito
foi justamente comer o fruto.
O preço estava lá
e ficamos assustadas
– sem saber lidar com a dor.
Mas é depois que vem o prazer
sem o que não haverá justiça.
Graças à Eva, à Lilith, à Maria, à Madalena.
Sem elas não teríamos a poesia do altíssimo preço.
Mentiram que Deus não queria o nosso gozo.
As mulheres, desde sempre, desconfiaram
(Cocco, 2007:21)*

No Brasil, as primeiras pesquisas sobre divulgação científica datam do final da década de 1980 e se concentram majoritariamente nos campos em educação e educação científica – o que impacta a perspectiva construída sobre a área (SAMAGAIA, 2016). Seguindo a lógica europeia modelo da instrução pública aparece como o hegemônico (MASSARANI, 2012). Não vamos nos aprofundar sobre as concepções que têm a divulgação científica, mas brevemente, no modelo de instrução pública há uma hierarquização entre as pessoas produtoras de ciência (a população, as trocas que se estabelecem entre sociedade e cientistas são unidirecionais e estão associadas a existência de uma lacuna e Sendo necessário um mediador entre eles, como um jornalista. Além disso, o modelo atribui à ciência um valor de verdade universal e c

Já o modelo do déficit parte do princípio que não é possível compartilhar o conhecimento científico com pessoas que desconhecem ou científica. Em decorrência disso, os primeiros trabalhos de divulgação científica envolvendo o modelo do déficit envolviam quatro elementos de letramento científico das pessoas: i) O conhecimento de fatos básicos da ciência; ii) A compreensão dos métodos racionais como o raciocínio e a apreciação adequada dos aspectos positivos da ciência e da tecnologia e iv) A negação da superstição e de crenças rejeitadas pela ciência.

Em comum, ambos os modelos possuem uma concepção de sociedade composta por pessoas desprovidas do conhecimento (dito ciência apropriar-se dele sem um instrutor/mediador. Uma perspectiva hierárquica, unidirecional, que desconsidera outras formas de conhecer diálogo/troca no processo de aprendizado e divulgação científica.

Se a perspectiva hegemônica de divulgação científica estabelece uma fronteira que separa sociedade e ciência, a perspectiva política e sobre divulgação científica situa-se nesse espaço de fronteira o esborrando, ou seja, nos posicionando dentro de uma perspectiva feminista emancipatória de divulgação científica, que visa transformações radicais do social, no sentido cada vez mais pleno do respeito às diferenças no âmbito da produção científica.

Quando falamos numa perspectiva feminista anticolonial e anticapitalista, reiterando o legado de Lélia Gonzalez e tantas outras que nos posicionando nossa divulgação científica em prol da equidade de gênero e da justiça social – o que significa não apenas visibilizar pesquisa equidade, diversidade e inclusão de grupos socialmente minorizados por marcadores de raça, poder, classe, gênero e sexualidade, mas permitam que essas sujeitas sejam vistas como protagonistas na produção científica. Um exemplo disso, é o podcast em andamento “IV Quilombolas” que propõe uma escuta atenta e crítica do social a partir das vozes, estudos e experiências desse grupo.

Quando falamos numa perspectiva descentralizada, estamos posicionando nossa divulgação científica em prol da co-construção de saberes e diálogo profundo entre ciência e a sociedade, capaz de romper a unilateralidade e comunicar também a partir da realidade das pessoas extensionistas desenvolvidas com adolescentes de escolas públicas, no projeto de extensão “Caleidoscópio Enredado nas Escolas: Feminista pesquisa “Equidade e diversidade racial, de gênero e sexualidade na produção do conhecimento científico e artístico”, desenvolvida com rede pública.

Outro ponto de se afirmar anticapitalista é considerar a realidade concreta brasileira de grande desigualdade social para pensar as ações que significa considerar pelo menos: os diferentes rumos dos avanços tecnológicos e científicos, o desenvolvimento dos meios de comunicação massiva na sociedade – inclusive com as redes sociais ocupando local central de desinformação, descrença na ciência com forte conflito. O INCT Caleidoscópio também segue investindo nas redes sociais e outros meios de comunicação, objetivando contrapor e insurgir contra as percepções de mundo (Oyěwùmí, 2021) que se valem de pseudo-moralismos, guerras, violências, extremismos e posições totalitárias abissais de desigualdade e exploração das vidas (humanas, não humanas e da própria terra) e seus recursos vitais.

Atualmente, o INCT Caleidoscópio possui:

- Um site online, cuja página divulga a estrutura, as atividades e as pesquisas do INCT, bem como dos Centros e Núcleos parceiros;
- Redes sociais do INCT para comunicação mais dinâmica e regular com a sociedade e disseminação dos resultados das pesquisas (no Instagram, Facebook e Youtube);
- Boletins semestrais com a divulgação das atividades do INCT e pequenos textos analíticos como forma de divulgação e também de comunicação com a comunidade científica e sociedade;
- Projetos de extensão e pesquisa com a comunidade.

Outras ações previstas:

- Criação de podcasts mensais interligando os vários centros e núcleos integrantes e as parcerias comunitárias do INCT;
- Promoção de seminários de Pesquisa na sede do INCT, bem como nas regiões das IES que compõem o mesmo;
- Produção de material audiovisual de popularização científica e cultural sobre desigualdades, assimetrias e violências de gênero, com o INCT;
- Promoção de seminários internacionais de pesquisa, com a participação de pesquisadoras e pesquisadores internacionais parceiros, debates, leitura dos dados produzidos pelo Observatório e avaliação das ações desenvolvidas pelas Incubadoras Sociais, e movimento

É importante destacar que nossa política de divulgação científica segue em desenvolvimento e que cada ação pensada é voltada para a geração de espaços para a importância da inserção e atuação de mulheres nas ciências, para a melhoria das condições de vida de todas as mulheres negras, transexuais e indígenas. Nesse sentido, daremos ênfase a estudos/relatos de casos sobre trajetórias de profissionalização de mulheres científicas e às pesquisas em escolas públicas de ensino médio, indígenas e quilombolas, para conseguirmos avaliar quais são as principais barreiras para continuarem seus estudos.

O Boletim

Finalmente, esta é a versão piloto do Boletim do INCT. Nossa intenção é que ele se consolide também como um espaço de troca e inte-frontes que compõem o INCT. Convidamos as pessoas que compõem esses grupos, na qualidade de nucleações INCT, para compartilharem achados e nos brindarem com suas inquietações e indignações, para que possamos estar em constante alerta e ampli regionais, nacional e internacional .

Reforçamos também nosso desejo que esse espaço também fortaleça as vozes feministas que têm produzido ciência, através do comp das/os pesquisadoras/es que compõem o INCT – visto que a geopolítica da circulação de conhecimento científico não favorece o ecoar negras, trans, indígenas, de periferias, de regionalidades e áreas de conhecimento subalternizadas.

Que nosso boletim seja como os tambores ritmados a nos convocar, como na lírica de Gilka Machado, para o movimento dos corpos/c por uma ciência feminista, ciente de sua busca pela plenitude dos sentidos e da vida.

REFERÊNCIAS:

COCCO, Marta. Sete Dias. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2007.

GONZALEZ, Lélia. Por um Feminismo afro- latino- americano. Ensaios, Intervenções e Diálogos. Organização Flávia Rios e Márcia Lima-

HARDING, Sandra. Existe un método feminista. Debates en torno a una metodología feminista, v. 2, p. 9-34, 1998.

KELLER, Evelyn Fox. What impact, if any, has feminism had on science? [Tradução: Maria Luiza Lara; Revisão: Valter Arcanjo da Ponte e Ki pagu (27), julho-dezembro de 2006: pp.13-34. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/bSBYctG9zPV55wBnbQkkpCb/abstract/?l>

LOPES, M.Margaret. Sobre convenções em torno de argumentos de autoridade. cadernos pagu (27), julho-dezembro de 2006: pp.35-61

LOPES, M. Margaret & SOMBRIO, M. (org). Dossiê Gênero em Ciências: histórias e políticas no contexto iberoamericano. cadernos pagu

MACHADO, Gilka. Poesias completas. 2 ed. Apresentação: Eros Volúcia Machado. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda/ FUNARJ,

MARTIN, Emily. A mulher no corpo, Rio de Janeiro, Editora Garamond , 2006.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero . Trad. Nascim ed – Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021. 324 p.

PINHEIRO, Bárbara. As mulheres negras e a ciência no Brasil: “E eu, não sou uma cientista?” COMCIÊNCIA, São Paulo, 08/02/2019. Dispo <<https://www.comciencia.br/as-mulheres-negras-e-ciencia-no-brasil-e-eu-nao-sou-uma-cientista/>>

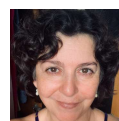
SAMAGAIA, Rafaela. Comunicação, Divulgação e Educação Científicas: uma análise em função dos modelos teóricos e pedagógicos. Tes Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis (SC), 2016.

SAGAN C. O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela na escuridão. Companhia das letras, São Paulo, 1996.

SCHIEBINGER, Londa. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. Apresentação de Maria Margaret Lopes. História, Ciências, Janeiro, v.15, supl., jun. 2008, p.269-281. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/LZcRqYbsQR4cxYkgfCGyjr/?format=pdf>>



Inara Fonseca é Pós-doutoranda do INCT Caleidoscópio. Doutora em Estudos Interdisciplinares de Cultura pela Universidade Federal d graduação em Comunicação Social (2009), com habilitação em Jornalismo, e mestrado Interdisciplinar em Estudos de Cultura Contemp Universidade Federal de Mato Grosso. É integrante do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH), da Universidade Federal de



Karla Bessa é vice-coordenadora do INCT Caleidoscópio. Coordenadora Associada do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu da Universic (UNICAMP). Professora dos Programas de Pós-Graduação em Multimeios (Instituto de Artes) e do Doutorado em Ciências Sociais (IFCH graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia (1990), Mestre (1994) e Doutora (2000) em História Social pela Universic



Presença das Mulheres Quilombolas nas Ciências: a construção de uma Incubadora Social Feminista Antirracista de Pesquisa Legal no INCT Caleidoscópio

Dolores Galindo, UFCG, dolorescr

Silvia Lúcia Ferreir

Zizele Ferreira dos Santos, UFCG, pesquisaci

Karine de Souza Oliveira Santa

Naryanne Ramos, UFC

Gabriela Sena, UFC

Quantas professoras quilombolas concursadas, como docentes efetivas, em universidades públicas conhecemos? Como acessamos essas pesquisadoras quilombolas, em diferentes estágios da carreira científica, estão presentes nas universidades públicas? Como localizar as por mulheres quilombolas? Estas não são perguntas de fácil resposta como deveriam sê-lo, pois os dados sobre mulheres quilombolas pulverizados e pouco sistematizados em decorrência das limitações nas informações disponibilizadas sobre pertencimento étnico-racial quilombolas, na pós-graduação brasileira.

No entanto, apesar das limitações de acesso a informações sobre suas produções e trajetórias acadêmicas, mulheres quilombolas estão programas de pós-graduação, algumas são docentes em universidades e acumulam uma expressiva produção na orientação de dissertações e teses. No entanto, o acesso público limitado, muitas vezes em bases de dados agrupadas a partir de outros marcadores acadêmicos e sociais. A dificuldade sistematizados sobre a presença de mulheres quilombolas nas ciências contribui para uma experiência de despertamento à universidade e sub-representadas nas ciências.

A baixa diversificação étnico-racial dos quadros docentes e de pesquisadoras nas ciências brasileiras, incluindo as mulheres quilombola raça, gênero e territorialidade como um obstáculo epistêmico e político que atravessa a trajetória de mulheres nas ciências, no Brasil. (C

No contexto da educação superior, a distribuição de vagas reservadas para quilombolas nas universidades públicas revela desigualdade brasileiras. Segundo Freitas et al. (2021, p. 32), a região Norte, incluída na Amazônia Legal, apresenta a maior proporção de vagas destinadas representando 1,67% do total de vagas disponíveis. A região Centro-Oeste vem logo em seguida, com 1,48% de vagas reservadas. Por sua vez, as universidades públicas da região Sudeste não possuíam vagas reservadas para quilombolas, e na região Sul as reservas eram ínfimas. Ao considerar a acordo com Freitas et al. (2021), observa-se que as vagas destinadas a quilombolas no Nordeste representam apenas 0,58% do total de

Apesar do impulso à implementação de ações afirmativas no ensino superior, sobretudo, após 2003, com a efetivação do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e a Lei 12.711, aprovada em 2012, apenas 0,52% do corpo docente das universidades brasileiras é composto por estudantes quilombolas (Freitas, Portela, Feres, Sá, Flor, 2020). De acordo com levantamento realizado pelo Censo Multidisciplinares de Ação Afirmativa (Gema), em 2021, das 106 universidades públicas brasileiras, apenas 20% ofertam cotas para ingressantes concentradas em oito estados: Bahia, Ceará, Goiás, Mato Grosso, Pará, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Tocantins.

São raras as pesquisas sobre acesso, permanência e progressão nas carreiras científicas de mulheres quilombolas nas universidades, bem como escassas as pesquisas sobre formação de doutoras quilombolas e fixação das egressas dos programas de pós-graduação. As fontes de dados disponíveis, por sua vez, nem todas as instituições de ensino superior incluem o campo "quilombolas" nos documentos internos destinados ao corpo docente e discente. As categorias étnico-raciais vigentes no IBGE até o Censo Demográfico de 2010 que não contemplavam quilombolas, correspondendo a negras e brancas. A partir do Censo Demográfico de 2022, as categorias étnico-raciais passaram a contemplar quilombolas ao lado das pessoas brancas.

Considerando este cenário, o artigo tem como objetivo apresentar resultados preliminares do primeiro ano de funcionamento da Incubadora Social Feminista Antirracista de Pesquisa Legal Amazônia Legal, abrangendo dois eixos. Um primeiro eixo, que apresenta o modo de organização e estratégias desenvolvidas com visões de outros contextos universitários. Um segundo eixo que, por sua vez, consiste numa análise preliminar das entrevistas realizadas com mulheres quilombolas como parte das ações da incubadora.

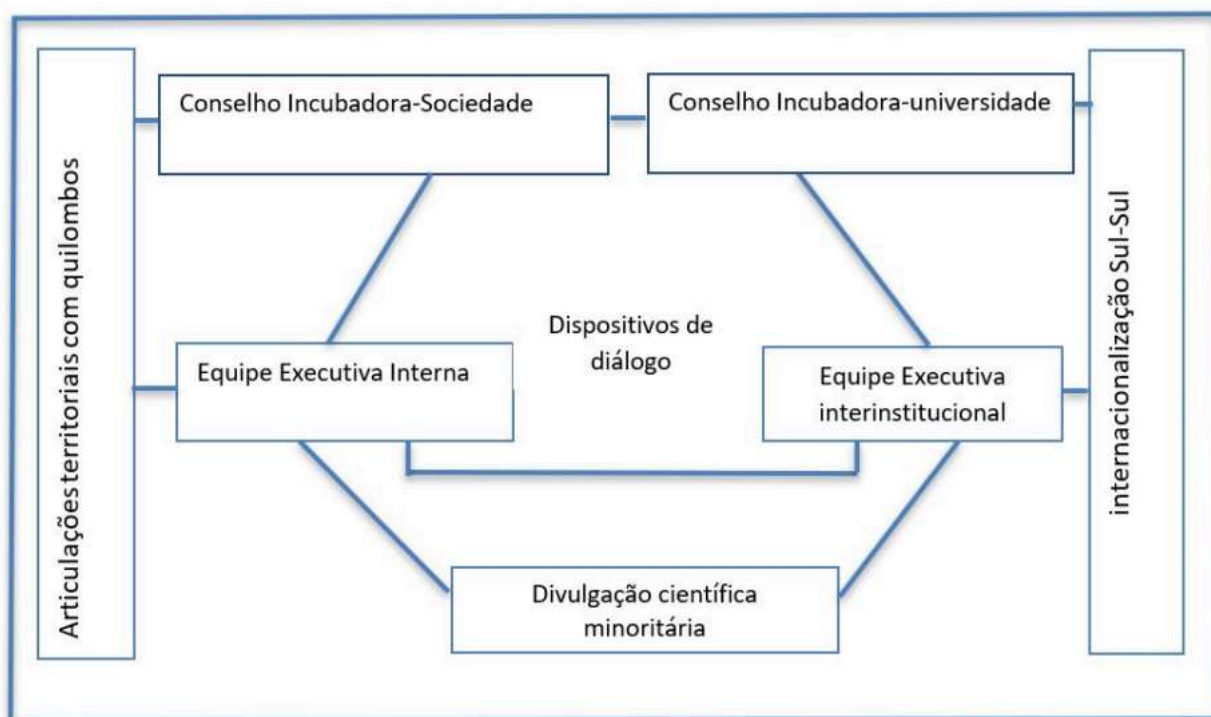
A construção de uma Incubadora Social Feminista Antirracista de Pesquisas Norte, Nordeste e Amazônia Legal : organização e funcionamento

Tendo como foco a presença das Mulheres Quilombolas nas Ciências, a Incubadora Social Feminista Norte, Nordeste e Amazônia implementada pelo INCT Caleidoscópio, com sede compartilhada na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, aglutina grupos de pesquisa de universidades distribuídas numa grande abrangência geográfica e geopolítica que envolve os estados de Bahia, Paraíba, Pernambuco e Mato Grosso. A incubadora congrega as regiões com maior presença quilombola do país.

A Incubadora tem como missão desenvolver pesquisas e tecnologias sociais para prevenção das violências interseccionais nas universidades, trajetórias educacionais de mulheres quilombolas nas ciências, levando em consideração marcadores de gênero, raça, etnia e territorialidade de maneira colaborativa, articulando universidade e sociedade civil e enfatizando a importância da inclusão de mulheres pertencentes a todas as fases de planejamento, produção e difusão de tecnologias sociais.

Diante desse contexto, a primeira incubadora do INCT Caleidoscópio se orienta por um desenho organizativo apoiado na definição de: a) política de formação de uma equipe executiva interna orientada por equidade de gênero, étnico-racial e territorialidade; b) adoção de governança, o qual inclui a formação de dois conselhos que atuam como instâncias consultivas: o Conselho Incubadora-Universidades e Sociedade; c) composição multiterritorial e paritária da equipe executiva interinstitucional de pesquisa com adesão de pesquisadoras de universidades da região de abrangência; d) internacionalização Sul-Sul prioritariamente voltada a universidades de países africanos, com colaboração com universidades consolidadas de países europeus e da América do Norte com histórico de cooperação junto à América Latina e diálogo com a sociedade civil com vistas a uma política de acompanhamento do projeto e desenho colaborativo dos instrumentos e produção científica orientada às mulheres de grupos minorizados nas ciências planejada e realizada com participação de mulheres desses mesmos

Fig.1 – Desenho organizativo da Incubadora



A equipe executiva interna foi composta a partir do lançamento de quatro editais induzidos, cujos critérios incluíram a diversidade racial (mulheres quilombola), resultando em um grupo com 02 pesquisadoras negras, 01 pesquisadora indígena e 01 pesquisadora negra e quilombola. O financiamento direto do INCT, o projeto conta com 01 bolsista de iniciação científica via Edital PIBIC-AF da UFCG e 02 bolsistas de extensão via Ações Pontuais de Extensão da Pró-Reitoria de Extensão da UFBA.

Orientada a um modelo participativo de governança baseado no diálogo entre a universidade e a sociedade, a Incubadora contará com a participação de representantes da sociedade civil. O Conselho Incubadora-Universidades será composto pela coordenação da incubadora, coordenação do INCT, membros do Núcleo Gestor do INCT brasileiras e docentes de universidades internacionais parceiras dos projetos desenvolvidos; b) o Conselho Incubadora-Sociedade será composto por representantes de movimentos sociais e de representantes do governo, nos âmbitos federal, estadual e municipais dirigidos às mulheres. Ambos os conselhos se reunirão anualmente com a coordenação da incubadora para discutir relatórios, produtos e resultados, por meio de reuniões convocadas pela coordenação.

No seu primeiro ano, a Incubadora trabalhou na montagem do Conselho Incubadora-Universidade orientado à diversidade étnico-racial e territorialidade. Composto pela coordenação da incubadora, coordenação do INCT, docentes de universidades brasileiras e internacionais parceiras dos projetos desenvolvidos, reúne professoras(es) pesquisadoras(es) de África, Haiti e América das seguintes instituições: Universidade Estadual do Haiti, Instituto Superior de Ciências da Educação do Uíge – ISCED-Uíge, Universidade Católica de Angola, Université Publique de Kinshasa – UPNEF, Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda – ISCED-Luanda. O segundo grupo de universidades com o qual se realiza a internacionalização Sul-Sul é composto por universidades da América Latina. Docentes da Facultad de Ciencias Sociales – Universidad de Playa Ancha (UPLA) e Universidade Pedagógica Nacional de Angola participaram do projeto. Com universidades europeias e americanas foram firmados termos de adesão para participação de pesquisadoras das seguintes instituições:

do Porto, Chuny University e Universidade NOVA de Lisboa. A formalização da participação na incubadora se dá por meio de termos de pesquisadoras(es) das universidades com os dados institucionais e atribuições.

No que tange à política de comunicação desenvolvida pela incubadora, elaboramos, uma logomarca e um manual de uso da marca ass imagem capaz de dialogar e reforçar a presença das mulheres quilombolas nas ciências. Na logomarca, visualizamos, no primeiro plano quilombola cujo dorso se evidencia e que olha frontalmente as possíveis interlocutoras. Os braços estão apoiados e enraizados numa h que lhe conferem sustentação. Os tons são terrosos, remetendo aos quintais, estradas, caminhos e passagens. Dos traços do rosto, os lé mandíbula arqueada que realça a altivez. Os cabelos crespos formam uma coroa que emoldura o rosto e ocupa a parte superior da ima utilizada conjuntamente a do INCT.



Fig 2 – Logomarca da Incubadora Social do INCT Caleidoscópio. Arte: Adriane de Souza

A equipe executiva interinstitucional é formada por pesquisadoras de diferentes universidades públicas das regiões Norte, Nordeste e A composta, até o momento, pelos seguintes grupos de pesquisa/universidades: Grupo de Pesquisa em Política, Produção de Subjetivida (Gentileza/UFRN); Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação – (NEPRE/UFMT); Grupo Transversalizando: ensino, (Transversalizando/UFGA); Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana (LABESHU/UFPE) e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gêner (NEGRAS/UFRB). Esta equipe participa diretamente da elaboração de projetos, pesquisas, Cadernos de Orientação, Guias de boas prática incubadora. A partir do trabalho colaborativo da equipe executiva interinstitucional, a Incubadora teve sua primeira pesquisa aprovada Ciências”, contemplada no Edital Universal 10/2023 do Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CNPq) – grupos consolidados, coorde Galindo.

Trajetórias formativas de mulheres quilombolas: uma análise preliminar das entrevistas

Como dispositivo de diálogo da equipe da incubadora com as mulheres discentes quilombolas do ensino superior, na Universidade Fed 2023, aconteceram as primeiras entrevistas semiestruturadas com estudantes quilombolas matriculadas em diferentes licenciaturas na U Campina Grande – Campus do Centro de Desenvolvimento do Semiárido (CDSA/UFCG), situado no Cariri paraibano.

Criado no contexto do Programa REUNI, oficialmente em 2009, teve como propósito ampliar fisicamente as instituições, otimizando re ambiente acadêmico mais acessível e eficiente. Com uma abordagem pedagógica voltada para soluções sustentáveis. O CDSA busca do desenvolvimento regional e ampliar o acesso à educação superior no Semiárido. A adoção de processos seletivos especiais para povos quilombolas em alguns cursos vem induzindo a presença de quilombolas nos cursos de graduação e de pós-graduação ofertados.

De acordo com o “Censo Demográfico 2022 – Quilombolas” do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a região Nordeste a da população quilombola do Brasil, totalizando 905.415 pessoas desse grupo étnico. Na Paraíba, entretanto, o número de quilombolas região, com um contingente de 16.584 pessoas. A pesquisa do IBGE destacou 51 municípios paraibanos com população quilombola re seguintes concentrações em ordem alfabética: Alagoa Grande (946), Cacimbas (1.698), Conde (cerca de 3.000), Dona Inês (7,8%), Diama Riachão do Bacamarte (8,8%), Santa Luzia (1.324), e outras localidades no estado. Segundo o “Guia de enfrentamento ao Racismo e fto Promoção da Igualdade Étnico Racial da Paraíba”, disponibilizado pela Secretaria do Estado da Mulher e da Diversidade Humana, em 20 quilombolas auto-reconhecidas e, destas, 46 comunidades quilombolas dispunham de certificação pela Fundação Cultural Palmares (SE

Dentre as mulheres quilombolas matriculadas no CDSA com as quais estabelecemos os primeiros diálogos, 5 (cinco) estão cursando Lic Campo e 1 (uma) Ciências Sociais. São jovens, com idade entre 18 e 29 anos. O objetivo era apresentar a Incubadora de Pesquisas Femi Legal – INCT Caleidoscópio e o projeto “Mulheres Quilombolas nas Ciências: Políticas de Permanência nas Universidades e Produção de aspectos das trajetórias acadêmicas e ouvir suas expectativas em relação a uma Incubadora com estas características.

As estudantes são provenientes da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande/PB e Comunidade Quilombola Gu certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Distribuem-se em moradias externas autogestionadas ou residem na moradia universitária: vínculos familiares na forma de “primas”. As mulheres, principalmente as mais velhas, se deslocam ao município Sumé-PB com as(os) fil recebem atendimento da Assistência Estudantil, sendo que quatro delas, integram ou já integraram programas educacionais específicos (Educação Tutorial) e o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência).

As perguntas do roteiro de entrevistas foram formuladas para abordar aspectos das trajetórias formativas e expectativas sobre a incubadora de pesquisas para mulheres quilombolas nas ciências?; “Você realiza atividades de iniciação à pesquisa, docência ou PET?; doutorado?; “O que acha importante para a formação de mulheres cientistas quilombolas?; “Qual é a importância de mulheres cientistas comunidades?; “Quais conteúdos acha importante que sejam abordados em oficinas para mulheres quilombolas na universidade?”.

Nessa pesquisa, considerou-se a interseccionalidade, introduzida por Crenshaw (1989), em interlocução com os movimentos sociais na análise, a qual, permite considerar simultaneamente diferentes formas de opressão, não apenas adicionando opressões, mas compreendendo cruzamentos dos processos discriminatórios. Investigando as desigualdades sociais, com ênfase nas relações de poder e promoção de justiça interseccionalidade considera as inter-relações entre categorias como raça, gênero, classe, sexualidade, nação e geração, propondo um (Collins e Bilge, 2021). Ao refletir sobre as violências interseccionais que atravessam as trajetórias formativas de mulheres quilombolas não é imprescindível considerar a história diversificada das mulheres negras no país e contribuir para o registro das narrativas das mulheres quilombolas no processo afrodiaspórico (Nascimento, 2018).

As seis jovens quilombolas entrevistadas narraram violências interseccionais que impactam diretamente nas suas trajetórias formativas algumas delas: a) ausência de rede de apoio formal às mulheres quilombolas que são mães; b) dificuldade de acesso a informações sobre graduação e pós-graduação; c) baixa presença de conteúdos curriculares sobre quilombos e mulheres quilombolas; d) fragilidades no acesso aos processos de formação; e) formação insuficiente da equipe institucional no que diz respeito às questões raciais, étnicas e de gênero no quadro docente diversificados do ponto de vista étnico-racial e de gênero no qual se reconheçam e g) baixo incentivo à realização de pesquisas e publicarem a vivência da população quilombola nas ciências.

Ametista destaca a importância de uma rede de apoio, especialmente para aquelas que são mães, visando facilitar a participação na universidade. Dados semelhantes são identificados em pesquisa (Marques, Ferreira, Pereira, Boa Sorte, Lacerda, 2022), ao expor a situação da necessidade na universidade, ela fala das realidades materiais que obstaculizam o ingresso dessas mulheres na universidade, mas ao mesmo tempo com a formação de novas cientistas quilombolas e que a comunidade saiba quais os caminhos possíveis para a formação universitária. as dificuldades enfrentadas pelas jovens mães:

“Eu espero que esses resultados da incubadora cheguem nas comunidades quilombolas pelo menos aqui na Paraíba, né? Porque têm interesse em participar, mas não tem as oportunidades que precisam, né? Pra tá aqui dentro da universidade. Exemplo, meu exemplo...É...Uma rede de apoio que consiga deixar elas virem para a universidade e conseguir cursar algum curso, né? E que os resultados junto com esses resultados possam ir para as comunidades para conhecer também, né? Quem são as pessoas que estão lá e que também para a formação de novos cientistas e por aí vai”. (Ametista, estudante quilombola)

A estudante expressa a necessidade de que os resultados da incubadora alcancem as comunidades quilombolas na Paraíba, ressaltando o interesse, mas enfrentam dificuldades devido à falta de oportunidades. Ao longo de toda narrativa enfatiza a relevância da aproximação da comunidade para produção de conhecimentos que dialoguem com “quem está lá”. Historicamente, as mulheres desempenham um papel importante nos quilombos brasileiros, nas estratégias de cuidado com a terra e na defesa de direitos territoriais (Fernandes, Galindo, e Valencia, 2020). As violências interseccionais enfrentadas por jovens quilombolas e as estratégias que adotam com base nos modos de vida orientados pelas potências civilizatórias enraizadas na ancestralidade quilombola (Santos, 2022).

Cotidianamente, mulheres quilombolas desenvolvem estratégias para enfrentar o racismo, sexismo, violências e a expropriação dos territórios. Uma importante função de transmitir valores sociais, políticos, religiosos, culturais, medicinais e educacionais do quilombo às gerações seguintes (Luz et. al. 2023;). A partir da revisão dos critérios masculinistas que focalizavam atributos relacionados aos homens e masculinidade como exemplo da virilidade, as mulheres quilombolas adquiriram um novo estatuto na historiografia sobre quilombos e nos processos de construção das relações de cuidado com a terra e com o território (Almeida, 2022).

Turmalina destaca a importância crucial da entrada na universidade para a formação dessas mulheres, ressaltando as barreiras de divulgação nas comunidades, especialmente nas rurais e afastadas, como quilombos e assentamentos. Ela compartilha a experiência pessoal de ter desistido de entrar na universidade através de um professor, mas só ter ingressado na faculdade anos depois, perdendo tempo fora do ambiente universitário: “[...] **eu ter e só fui entrar na faculdade em 2019. Quanto tempo eu perdi fora da universidade!?”**. Além disso, menciona que eventos e palestras do CDSA/UFCG estimularam sua continuidade nos estudos, destacando a relevância de abordagens relacionadas à terra e à história de seu povo. Ela evidencia a relevância das estratégias de divulgação e apoio para as mulheres quilombolas no acesso ao ensino superior, além de ressaltar os elementos culturais e históricos em suas trajetórias acadêmicas.

A adoção de currículos caracterizados por um pequeno diálogo com as epistemes quilombolas (Silva, 2022) afasta as estudantes da posse de conhecimentos sobre as formas de fazer, viver, sentir e também de produzir ciência nos quilombos, conforme pode ser percebido na narrativa de Ametista:

“Eu acho que o que dificulta nossa entrada na universidade também está relacionado aos assuntos abordados no curso. Ele não aborda as comunidades quilombolas, e o objetivo é que possamos retornar às nossas comunidades para ajudar, né?... É, o ensino é tradicional, sabe? Mais inclusão de disciplinas voltadas para as comunidades quilombolas ou turmas específicas, que contribuam para fortalecer as comunidades, aplicar o que aprendemos e fortalecer ainda mais nossa identidade quilombola”. (Ametista, estudante quilombo)

Ametista ressalta a necessidade de inclusão curricular de disciplinas voltadas aos saberes e fazeres das comunidades quilombolas. Sublinha o ensino que fortaleça as vivências culturais presentes nesse espaço.

Rubi, estudante de licenciatura, destaca que os temas abordados nos projetos de pesquisa não despertam interesse por não abordarem a educação quilombola, especialmente os projetos de iniciação à docência:

“[...] por eu ser de comunidade quilombola, não me interessam, não são tão interessantes, né? [...] Fosse abordado temas voltados para a educação quilombola ou algo do tipo, né? Seria mais interessante para nós que somos de comunidades quilombolas”. (Rubi, estudante quilombo)

As lacunas que Rubi detecta no currículo acadêmico são apontadas como uma barreira à posterior contribuição científica dessas estudantes quilombolas. A presença de mulheres quilombolas egressas das universidades nas comunidades é percebida como uma estratégia importante de aproximação entre universidade e comunidade. Nesta mesma direção, Jade, estudante que está no último semestre do curso de Licenciatura em Educação do Campo, pontua:

“É muito importante porque através disso é que as novas gerações vão ter onde se espelhar... Antes a gente não tinha essa oportunidade de partir do momento que a gente se deu a vez de ir em busca dos nossos objetivos, a gente pôde enxergar isso. Então, é uma coisa que vai passar para as próximas gerações [...] Os nossos pais, avós não tiveram essa oportunidade, eles não tinham como dar esse legado para o estudante quilombola”

Âmbar, quando questionada sobre a possibilidade de atuar como socióloga em seu território, explicita a importância da presença de mulheres quilombolas em contextos urbanos:

“[...]se eu for trabalhar nessa área... Não vou trabalhar no quilombo[...] Mas eu acho que seria de suma importância pelo momento que a gente vive no quilombola cientista”. (Âmbar, estudante quilombola)

A presença das discentes quilombolas tem o potencial de transformar o perfil do ensino, permitindo que essas estudantes se autorizem no espaço acadêmico, protagonizando mudanças efetivas. Nesse sentido, o ingresso na instituição de ensino superior não é apenas uma transição, mas uma oportunidade de expressar e fortalecer a presença das epistemes quilombolas no contexto científico. Acerca das perspectivas posteriores, Jade pontua:

“[...] Depois que eu finalizar o curso de Licenciatura em Educação do Campo aqui [...] eu vou ter que pensar na possibilidade de trabalhar além disso, um trabalho fixo na comunidade [...] Quando eu vim aqui estudar na universidade, eu já vim com o intuito de trabalhar na própria comunidade porque, desde antes, a gente percebe que a escola em si da comunidade não tem tanto esse recebimento de oportunidades. As oportunidades não vêm, começou a vir agora, recentemente... Na comunidade, tem como vice-diretora gente oriunda da comunidade e como professor oriundo da comunidade”. (Jade, estudante quilombola)

A narrativa de Jade, jovem graduanda quilombola, deixa entrever sua busca por qualificação acadêmica contínua, expressa no desejo de cursar o doutorado após concluir a Licenciatura em Educação do Campo. Sua intenção de lecionar na comunidade demonstra um compromisso com a formação, ressaltando a necessidade de maior inclusão e representatividade nos espaços educacionais. A recente presença de representantes locais na escola é citada como um avanço, indicando uma mudança gradual, já que existem apenas duas quilombolas atuando nas instituições de ensino superior.

Safira não tem planos de ingressar na pós-graduação. Relata que o seu objetivo ao concluir o curso é iniciar uma carreira como professora para diminuir a evasão escolar. De acordo com ela, “muitas jovens, ao terminarem apenas o ensino fundamental, partem para trabalhar, interrompendo sua trajetória educacional. Ela afirma: **“Eu planejo só terminar esse daqui e começar a dar aula...Para trazer mais quilombolas”**

Gravação do Podcast “Mulheres Quilombolas nas Ciências: de quilombola para quilombolas”

Com o Podcast “Mulheres Quilombolas nas Ciências: de quilombola para quilombolas”, cujas gravações foram realizadas concomitantemente com o trabalho da Incubadora tem como objetivo ampliar a difusão das contribuições significativas de mulheres quilombolas às ciências. Buscamos apreender suas produções científicas, identificando as publicações nas quais essas contribuições foram divulgadas e dialogar sobre a trajetória acadêmica dessas mulheres, que reúne mulheres quilombolas nas ciências, discute e troca informações sobre as estratégias adotadas para o enfrentamento de barreiras que atravessam as trajetórias acadêmicas. Cada episódio possui duração de 20 minutos, com condução de Naryanne Ramos (quilombo)

Trindade). Até o momento foram gravadas e editadas três entrevistas com pesquisadoras quilombolas nas ciências, com doutorado com de carreira científica, duas da região Nordeste e uma da Amazônia Legal. Das três entrevistadas, apenas uma delas atuou como docente sem vínculo efetivo, sendo a demanda pela fixação de doutoras quilombolas no ensino superior público um tema que atravessou todas

Nas entrevistas realizadas para o Podcast "Mulheres Quilombolas nas Ciências" são constantes as menções às violências interseccionais à formação inicial no ensino superior até a pós-graduação. As participantes destacam desafios materiais, como conciliar trabalho, lar e dificuldades financeiras na pós-graduação e lidar com os deslocamentos entre comunidade, trabalho e casa. Além disso, evidenciam dificuldades de educação escolar quilombola, pela certificação da terra e pelo fortalecimento dos modos de vida quilombola por meio do registro oficial, revelando a imbricada relação entre suas trajetórias e as lutas locais.

Para enfrentar as violências interseccionais no cotidiano acadêmico, as entrevistadas lançaram mão de estratégias fundamentadas na realidade das comunidades quilombolas, na assistência institucional proporcionada por meio de bolsas da Capes e CNPQ durante a pós-graduação e coletiva. As entrevistas iniciais delineiam obstáculos consideráveis que se interpõem às trajetórias acadêmicas, denominados por elas como distanciamento familiar, isolamento da comunidade e dificuldades financeiras para a permanência na pós-graduação.

As violências, expressas como "sofrimento", "sofrido" e "luta", são elementos recorrentes nas narrativas das pesquisadoras quilombolas seguir atuando na universidade se manifesta através da reiteração da "luta", palavra que aparece reiteradamente nas entrevistas, como seguintes: "Então as mulheres estavam sempre ali, na luta e na lida, e então essas mulheres, elas foram visibilizadas, né?", ou ao considerar a organização para a luta e defesa de direitos, em frases como "Eu digo 'vou lutar até o fim'". Nesse contexto, analisando os conflitos e resistências, emerge a afirmação da presença como uma luta: "A minha luta, ela não para, e ela não parará", pois o cenário de direito, de esforços para serem reconhecidas em suas especificidades e completa noção de que à geração jovem fica a necessidade de enfrentamento e da resistência em seus territórios.

"Sobrevivência" é uma palavra que emerge com o lugar de uma condição para a continuidade das trajetórias acadêmicas de mulheres frente às diferentes violências interseccionais que se expressam nas universidades e fora delas. As experiências de violência impactam de maneiras distintas, indo dos conflitos pela certificação de terras e das ameaças às comunidades quilombolas (Souza, 2023) aos silenciamentos nos espaços acadêmicos que resultam em prejuízos à progressão nas carreiras científicas.

Cenários futuros: tecnologias sociais em elaboração pela Incubadora

A partir dos diálogos com as jovens estudantes quilombolas do Cariri Paraibano foram articuladas e pactuadas oficinas que ocorrerão em março a junho, voltadas à elaboração do *Guia de Boas Práticas Acadêmicas para Mulheres Quilombolas nas Ciências Norte, Nordeste* a guia também serão agrupadas as informações levantadas, no âmbito da equipe executiva interinstitucional, sobre programas e ações em universidades parceiras que compõem o projeto de pesquisa, aprovado pelo CNPq, em andamento.

A incubadora iniciou também articulações para a elaboração do "Mapa Mulheres Quilombolas nas Ciências" que reunirá produções (teses e dissertações) de mulheres quilombolas, editais de pós-graduação (voltados a estudantes quilombolas) e dados sobre Mulheres quilombolas discentes no ensino superior, sobretudo, na pós-graduação. Tendo em vista a fragilidade da política federal de cotas destinadas a quilombolas para acesso à universidade em 2022, o que limita a utilização de algumas bases de dados importantes sobre ensino superior no Brasil, os dados serão coletados diretamente em bancos de dados existentes e se encontra em andamento articulação com a sociedade civil organizada para construção conjunta de

Considerando a escassez de dados sistematizados sobre a presença de mulheres quilombolas nas ciências, sobretudo na pós-graduação no ensino superior público, a Incubadora deu início à construção de um banco de dados com informações sobre editais com vagas para quilombolas em algumas áreas de conhecimento; dissertações, teses e artigos científicos escritos por mulheres quilombolas (desenvolvimento de "estratégias de acesso às universidades"); mapa e diagnóstico da presença das mulheres quilombolas como docentes nas universidades públicas (levantamento de dados em interface para consulta a ser iniciada) e Levantamento de boas práticas (com base nas ações das universidades da equipe executiva e/o

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. Devir quilomba: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2022. 392p.
- CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não ser como fundamental do ser. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, 2005.
- FERNANDES, Saulo Luders ; GALINDO, D. C. G. ; PARRA-VALENCIA, L. . Identidade quilombola: atuações no cotidiano de mulheres quilombolas. *PSICOLOGIA EM ESTUDO (ONLINE)* , v. 25, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/HO9q3vV8g3GmkDxDmVjpM6k/?lang=pt> em 12. dez. 2023.

FREITAS, J. B. et al. Políticas de Ação Afirmativa para quilombolas nas universidades públicas brasileiras (2019). Rio de Janeiro: Grupos de Trabalho em Políticas de Ação Afirmativa, 2021. Disponível em: <https://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2021/08/L.-Quilombola-110821b.pdf>. Acesso em:

FREITAS, Jefferson B. de; Lemos, Fernanda; Flor, Juliana; Sá, Izabele & Feres Júnior, João. Políticas de ação afirmativa nas universidades p Levantamento das políticas de ação afirmativa (agress), IESP-UERJ, 2022, p. 1-23.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022 [1982].

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em: https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 20 de dez. 2023.

LUZ, Agatha Letícia Eugênio da; CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; CASTRO, Waldirene dos Santos. Saberes e processos educativos emer negras quilombolas da Amazônia: uma análise do movimento das Tucandeiras de Jambuaçu – Moju/PA. Inter-Ação (UFG. Online), v. 47, em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/72096/39329> . Acesso em: 02 mar. 2024.

MARQUES, G. C. M. ; FERREIRA, SÍLVIA LÚCIA ; DIAS, A. C. S. ; PEREIRA, C. O. J. ; SORTE, E. T. B. ; Lacerda, F.K.L . INTERGENERATIONAL TR QUILOMBOLA MOTHERS AND DAUGHTERS: REPRODUCTIVE AUTONOMY AND INTERVENING FACTORS. Texto e Contexto. (UFSC Impre

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Beatriz Nascimento. Quilombola e intelectual: possibilidades nos dias atuais da destruição. Diáspora África 2018.

SANTOS, A. M. ; Maria Lucia Rodrigues Muller ; M.MOREIRA, N. L. . Quilombos e Quilombolas em Mato Grosso. Revista da Associação B Negros(as) – ABPN , v. 08, p. 1-18, 2015. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/40> . Acesso em 01 mar. 2024.

SANTOS, Zizele Ferreira. Juventudes quilombolas: cotidianos e modos de vida na comunidade Morrinho/MT; 2022; Tese (Doutorado em Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2022.

Secretaria do Estado da Mulher e da Diversidade Humana (SEMDH). Guia de Enfrentamento ao Racismo e Fortalecimento da Rede de P Racial da Paraíba. João Pessoa: SEMDH, 2023. Disponível em: https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-mulher-e-da-diversidade-f racismo_15x21-1.pdf/view . Acesso em 30 fev. 2024..

SOUSA, Naryanne Cristina Ramos. O racismo Acadêmico: experiências da advocacia quilombola, 2023. Dissertação (Mestrado em Estud – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2023.



Dolores Galindo é Membro do Núcleo Gestor do INCT Caleidoscópio. Possui Pós-Doutorado (2013-2015), Doutorado (2006) e mestrado pela Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), com Doutorado Sanduíche na Universidade Autônoma de Barcelona (2004). Graduada Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1999. Atua como Professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.



Silvia Lúcia Ferreira é Membro do Núcleo Gestor do INCT Caleidoscópio. Fundadora, Pesquisadora e Líder de Pesquisa do GEM (Centr Mulheres, Gênero, Saúde e Enfermagem criado em 1988, na Escola de Enfermagem da UFBA. Pesquisadora do NEIM (Núcleo de Estudo Mulher, desde 1988, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas). Profa. do Curso de Graduação e do Programa de Pós- Graduação em Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo.



Zizele Ferreira dos Santos é Pós-doutoranda do INCT Caleidoscópio. Fundadora. Possui graduação em Letras – Português e Inglês – p Mato Grosso do Sul (2005) e Mestrado em Educação (2016) pela Universidade Federal de Mato Grosso. Doutora em Educação (2022) pe Mato Grosso (PPGE/IE/UFMT) e integra o Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE)



Karine de Souza Oliveira Santana é Pós-doutoranda do INCT Caleidoscópio. Doutora em Medicina e Saúde (PPgMS/UFBA). Mestre em pela Universidade Federal da Bahia, com concentração na área de epidemiologia. Sanitarista com Especialização em saúde coletiva e so áreas de Gestão Ambiental, Especialização em Educação, Desenvolvimento e Políticas Educativas.



Naryanne Ramos é Apoio técnico a pesquisa do do INCT Caleidoscópio. Possui graduação em Direito pela Universidade de Cuiabá (20 Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso.



Gabriela Sena é Apoio técnico a pesquisa do do INCT Caleidoscópio. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Pauli:



Observatório Sul-Sudeste: mapeamento estatístico e de boas práticas pela equidade de gênero na ciência

Morgani Guzzo, UF

Rebeca Buzzo Feltrin, Uni

Joana Maria Pedro, UFS

Colocar em pé um INCT tem muito de desafiador, mas ver o trabalho dando resultados e criando forma nos enche de expectativas! Cor doutorandas ligadas ao Observatório Sul-Sudeste, ficamos responsáveis por iniciar a estruturação do Observatório-piloto do Caleidoscópio coordenação, composta por Karla Adriana Martins Bessa, Joana Maria Pedro e Maria Margaret Lopes.

A criação dos Observatórios regionais, com nucleações inter-institucionais, visa cumprir com os seguintes objetivos:

- Produzir e divulgar indicadores sobre a participação das mulheres na C&T, com um mapeamento histórico e atual;
- Levantar as iniciativas institucionais pioneiras em Direitos Humanos e justiça social nas IES;
- Criar conteúdos para sensibilização do público (especialmente das IES) e recomendações para subsidiar políticas públicas.

Entre as ações, está acompanhar e analisar indicadores de violências e vulnerabilidades que atingem as mulheres na ciência, em uma partir da colaboração entre grupos de pesquisa nacionais e internacionais.

Como Observatório-piloto, conseguimos, nestes primeiros meses de trabalho, estruturar os alicerces para o desenvolvimento do trabalho atualmente, mais de cinquenta parceiras de universidades públicas e comunitárias de todos os estados das regiões Sul e Sudeste do pa Rio Grande do Sul, dez de Santa Catarina, quatro do Paraná, onze de São Paulo, sete de Minas Gerais, quatro do Rio de Janeiro e duas c

Atuamos, concomitantemente, em três grandes frentes, que serão melhor detalhadas a seguir: 1) mapeamento e análise estatística; 2) e nucleações e mapeamento de equipamentos de enfrentamento às violências nas universidades envolvidas; e 3) divulgação científica.

1) Mapeamento e análise de indicadores sobre a participação das mulheres na CTI brasileira

Este eixo de trabalho teve como objetivo coletar, sistematizar e analisar os dados e indicadores disponíveis nas bases de órgãos oficiais mulheres na ciência brasileira em diferentes áreas do conhecimento. Dentre as etapas já realizadas neste eixo, podemos citar:

1 – Mapeamento dos/das docentes e discentes distribuídos nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras no Censo de Educação S de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, considerando diferentes variáveis e dimensões de análise.

2 – Coleta, sistematização e análise de dados sobre a distribuição de docentes com grau de doutorado nas IES brasileiras, as matriculad graduação stricto sensu e a distribuição de bolsas de pesquisa e demais recursos por áreas/grande áreas através da plataforma GEOCA

3 – Desenvolvimento de análises gerais sobre a participação das mulheres em pesquisas com bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico (CNPq), a partir dos dados obtidos pelo Painel de Fomento em Ciência, Tecnologia e Inovação, lançado pela agência em se

No artigo abaixo, apresentamos os resultados preliminares do estudo desenvolvido por Rebeca Buzzo Feltrin, Maria Margaret Lopes e k interseccional das pesquisadoras das regiões Sul e Sudeste do país, com foco nas áreas do conhecimento identificadas como Ciências H- vista que esta grande área abarca a maioria das pesquisadoras/res parceiras/os do INCT Caleidoscópio.

2) Parcerias, nucleações e mapeamento de equipamentos de enfrentamento às violências e assédios

O estabelecimento das parcerias envolveu o método bola de neve, que consiste em as pessoas que se aproximam do Observatório indi conhecidas/os que atuam também com a temática de interesse do projeto.

Nesse processo, iniciamos convidando pesquisadoras, que atuam no campo de gênero e ciência e de violências e assédios nas instituições conhecidas, de cada estado das regiões Sul e Sudeste do país, buscando que todos os estados fossem representados. Em seguida, as p adicionadas ao grupo de e-mails e ao grupo de Whatsapp do Observatório, canais de comunicação que utilizamos para dar informes e do projeto, os trabalhos que cada um/a tem realizado sobre a temática e as publicações das parceiras e de interesse do grupo. Assim, a pesquisadoras/es foram indicando novas/os parceiras/os, que gradualmente foram se integrando.

Realizamos a primeira reunião ampliada com as/os parceiras/os no dia 1 de junho de 2023, com a participação de dezesseis pesquisad apresentarmos os objetivos do INCT e, especificamente, do Observatório, lançamos um formulário para o mapeamento das iniciativas (para recebimento de denúncias e enfrentamento aos assédios dentro das universidades. Além disso, divulgamos e ofertamos um mater temas para projetos de pesquisa e extensão para as parceiras que desejam se somar ao Observatório mas que ainda não estão atuando além de publicações já levantadas sobre o tema, estão disponíveis às parceiras em uma pasta online criada pela equipe do Observatóri

A segunda reunião ampla realizada pelo Observatório foi um evento chamado “Ocupação INCT Caleidoscópio: as Redes e os desafios d gênero na academia”, que aconteceu no dia 27 de novembro de 2023, das 14h às 16h30, em modalidade virtual.

O evento contou com a apresentação da Caleidoscópio: Rede Nacional de Estudos Feministas, Transfeministas, Antirracistas, Transdiscip Brasileira de Mulheres Cientistas (RBMC), da Parent in Science, da Rede Andorinhas (UFOP/MG) e da Rede de Equidade e Diversidade d

Ocupação  **INCT**
Caleidoscópio

As Redes e os desafios da equidade e diversidade de gênero na academia

DIA 27 DE NOVEMBRO - 14H - PLATAFORMA ZOOM

Maíra Kubik/UFBA
Caleidoscópio - Rede Nacional de Estudos Feministas, Transfeministas, Antirracistas, Transdisciplinares e Decoloniais

Patrícia Valim/UFBA
Rede Brasileira de Mulheres Cientistas

Camila Infanger Almeida/USP
Parent In Science

Patrícia de Abreu Moreira/UFOP
Rede Andorinhas

Luciana Alves/Unifesp
Rede de Equidade e Diversidade de Gênero SP

Organização: Observatório Sul-Sudeste

Coordenação:  NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO PAGU

Apoio:  Laboratório de Estudos de Gênero e História

 CNPq

Após a apresentação das representantes das redes, ficou evidente o quão significativa tem sido a sua atuação na luta por equidade nas carreiras científicas e no combate aos assédios e preconceitos de gênero, sexualidades, parentalidade, raça/etnia, entre outros.

No encontro, foi possível conversar e pensar ações articuladas e em conjunto, visando não só fortalecer cada uma das redes, mas tamb alcance das ações. Além de ter suscitado bons insights sobre ações e boas práticas, possibilitou a aproximação entre as iniciativas que, formação de um Conselho das Redes, para encaminhar as ações articuladas.

Nucleações

Com a entrada de diversas pesquisadoras de várias universidades das regiões Sul e Sudeste do país ao longo dos meses, com interesse andamento, a etapa seguinte do trabalho coletivo do Observatório Sul-Sudeste foi a organização das parceiras por subgrupos divididos que chamamos de “Nucleações”.

De acordo com o Projeto, cada Nucleação irá focar seu trabalho em uma das temáticas-chave dos objetivos do INCT Caleidoscópio, qu

Nucleação 1 – Indicadores interseccionais e análises da participação das mulheres nas áreas de conhecimento, nas carreiras científicas, t histórico da participação das mulheres na CT nos últimos 10 anos, vivências e violências nos espaços acadêmicos.

Nucleação 2 – Mapeamento de políticas de ações afirmativas, iniciativas, campanhas, instâncias acadêmicas e equipamentos de enfrentamento de violências de gênero e suas interseccionalidades na universidade.

Nucleação 3 – Produção de conteúdo de divulgação científica de projetos finalizados ou em andamento sobre violência, assédio, iniciadas em universidades, trajetórias de carreiras de mulheres na ciência, iniquidades de gênero nos diferentes campos, etc., incluindo podcasts, em vídeos e materiais.

Em reunião realizada com as parceiras no dia 4 de dezembro de 2023, a coordenação do Observatório apresentou a proposta e as pesquisadoras tiraram dúvidas e se colocaram na Nucleação que se relaciona com seu interesse ou pesquisa em andamento. Também foi feito um formulário para que as pesquisadoras marcassem em qual nucleação gostariam de estar e, em seguida, foram agendadas reuniões específicas de cada nucleação para discutir o trabalho, atividades a desenvolver e o cronograma das ações dessa próxima etapa.

Mapeamento de equipamentos de enfrentamento às violências e ações afirmativas

A partir das vinte e duas respostas registradas até o momento no formulário de mapeamento das ouvidorias e demais iniciativas de enfrentamento em IES, conseguimos identificar algumas das boas práticas que já vêm obtendo resultados.

Destacamos, além das ouvidorias (órgão específico para acolhimento e encaminhamento das denúncias de assédios e outras violências) como as Pró-reitorias ou Coordenadorias de assuntos estudantis ou de assistência estudantil, que têm incorporado à sua atuação a criação de equipe multidisciplinar para acolhimento de pessoas em situação de violência, desenvolvimento de políticas afirmativas para permanência de estudantes, entre outras ações.

Merece destaque a criação, por parte de algumas IES, de Pró-reitorias específicas para esses temas. É o caso da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que é constituída, por sua vez, por quatro instâncias: a Diretoria de Ações Afirmativas, a Comissão de Acessibilidade (CAE); a Coordenadoria de Diversidade Sexual e Enfrentamento de Violência de Gênero (CDGEN); a Coordenadoria de Registro e o Serviço Especializado de Atendimento às Vítimas de Violências (Seavis).

Criada pela Gestão 2022-2026, a Profafe lançou, em 2022, a campanha “UFSC Antinazista e Antirracista”, estimulando a denúncia de casos dentro da universidade; em 2023, uma campanha contra o assédio, com cartazes que explicitam situações cotidianas que configuram assédio e ao Conselho Universitário, a Política Institucional de Ações Afirmativas para Pessoas Trans, a primeira do país.

Outras iniciativas relevantes foram mapeadas na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), que possui na sua estrutura uma Coordenadoria de Inclusão e Diversidade (CAID), um Comitê de Assessoramento e Análise para Distribuição de Denúncias (CAADD), uma Comissão Permanente de Administrativos Disciplinares (CPPAD), uma Comissão de Ética Pública (CEP-FURG) e um Núcleo de Mediação de Conflitos e Práticas Resolúveis.

Essas e outras boas práticas e seus resultados são alvo de pesquisa, análise e divulgação pelas parceiras envolvidas no Observatório Sul-Sudeste do mapeamento, assim como a elaboração de materiais de divulgação são algumas das ações que estão em andamento neste momento.

Divulgação científica do Observatório Sul-Sudeste

Site

Conforme um dos objetivos gerais do INCT Caleidoscópio, a divulgação científica é parte primordial deste projeto. Ainda em junho de 2023, a doutoranda Rebeca Feltrin, foi desenvolvido um site provisório do Observatório Sul-Sudeste, possibilitando a divulgação de algumas das ações realizadas pela equipe.

O desenvolvimento do site provisório incluiu: a) programação do site, utilizando o pacote Webnode; b) contratação de serviços de domínio e hospedagem; c) produção de conteúdos; 4) alimentação de conteúdos do site.

O conteúdo do site está distribuído da seguinte maneira: em “Início”, estão as últimas notícias postadas no site, o link para a seção “Boas Práticas”; na aba “Trajetórias”; na aba “Sobre nós” está uma breve descrição do que é o INCT e o Observatório Sul-Sudeste, assim como da equipe; publicar entrevistas e conteúdos sobre as trajetórias de mulheres nas diversas áreas da ciência; em “Notícias” estão novidades como relatos desenvolvidos pela equipe, além de editais e notícias envolvendo a temática; na aba “Artigos e Indicadores” reunimos algumas das pesquisas desenvolvidas sobre a temática de gênero e ciência; em “Nós e Redes” estão as logos das instituições/núcleos parceiras do Observatório; na seção “Boas Práticas” estão os equipamentos para recebimento de denúncias e enfrentamento às violências nas IES. Também ali está disponível o link do formulário para acolhimento de denúncias e enfrentamento de violências de cada instituição. Além disso, ainda há as abas “Galeria de fotos”, “Onde Estamos” e “Contato”.

<https://www.caleidoscopiosulsudeste.com.br/>

Redes sociais e comunicação online

Além da elaboração e da atualização do site provisório, as atividades realizadas nestes primeiros meses de estruturação do Observatório divulgadas por meio das correspondências por grupo de e-mails, distribuição de conteúdo pelo grupo de Whatsapp e, também, postagem online Instagram. Essa produção de conteúdos tem ficado sob responsabilidade da pós-doutoranda Morgani Guzzo.

Inicialmente, por não haver ainda um perfil oficial do INCT Caleidoscópio nas redes sociais, a equipe divulgou notícias e informações so andamento através dos perfis de Instagram dos núcleos de pesquisa dos quais as coordenadoras fazem parte: o Laboratório de Estudos (@legh.ufsc), que possui 2.120 seguidores, e o Núcleo Pagu – Unicamp (@pagu.unicamp), que possui 4.849 seguidores.

Nesses perfis, foram divulgadas: a notícia da entrada de duas pós-doutorandas, em 3 de maio de 2023; um breve relato sobre a primeira parceiras, em 1 de junho de 2023; o edital de seleção de bolsistas de pós-doutorado, em 12 de junho e em 26 de julho de 2023; e a not Observatório Sul-Sudeste, em 12 de julho de 2023.

A partir de 13 de setembro de 2023, com a criação do perfil oficial do INCT Caleidoscópio no Instagram (@inctcaleidoscopio), foi possível Observatório diretamente no perfil oficial. Desde então, a equipe de Comunicação do INCT Caleidoscópio à frente das redes sociais é composta por Inara Fonseca (planejamento de comunicação e escrita dos textos) e pela bolsista de extensão Júlia Bonifácio (artes, postagem e análise coordenação de Karla Bessa e Viviane Resende.

Entre as ações compartilhadas no perfil do INCT, que também foram postadas no site do Observatório Sul-Sudeste, estão: a divulgação “Observatório Mulheres e Ciência Sul-Sudeste | INCT-Rede Caleidoscópio” durante o evento V Jornadas do LEGH, da UFSC, no dia 10 de evento “Ocupação INCT Caleidoscópio: as Redes e os desafios da equidade e diversidade de gênero na academia”, realizado pelo Observatório em novembro e publicada no dia 6 de dezembro; a notícia do início das nucleações do Observatório, em 18 de dezembro de 2023.

Participação em evento

O Observatório Sul-Sudeste também participou, divulgando sua atuação, das V Jornadas do LEGH: “Pesquisa e Ensino de Histórias das Mulheres” nos dias 16 e 19 de outubro de 2023, na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis/SC.

Com presença de Karla Bessa (Unicamp), Joana Maria Pedro (UFSC), Maria Beatriz Nader (UFES) e Morgani Guzzo (UFSC), a Mesa Redonda “Observatório Mulheres e Ciência Sul-Sudeste | INCT-Rede Caleidoscópio” teve como objetivo apresentar o INCT Caleidoscópio e relatar, a partir do trabalho já realizado, os resultados alcançados pela equipe.



Imagem 2: Participantes da Mesa Redonda “Observatório Mulheres e Ciência Sul-Sudeste | INCT-Rede Caleidoscópio”. Fonte: V Jornadas do LEGH, UFSC, 2023. Foto: Morgani Guzzo Schmitt

A professora Joana Maria Pedro apresentou a proposta inicial do INCT, que surgiu a partir da criação de uma rede de mulheres durante o evento, nomeada: Caleidoscópio: Rede Nacional de Estudos Feministas, Transfeministas, Antirracistas, Transdisciplinares e Decoloniais.

Já a pesquisadora Karla Bessa apontou os desafios da equidade de gênero nas diversas áreas da ciência e apresentou os objetivos do INCT, formado por grupos de pesquisa de 24 instituições das cinco regiões do país, com sede na Universidade de Brasília (UnB) e possui como projetos ações regionais (foco em gênero e ciência), incubadoras sociais; divulgação científica de pesquisas e boas práticas de enfrentamento das desigualdades e promoção da progressão de mulheres (cis e trans) nas carreiras científicas.

Por motivos técnicos, a participação da professora Maria Beatriz Nader (UFES) não foi possível na mesa.

Por fim, a pós-doutoranda Morgani Guzzo apresentou um dos eixos de trabalho do Observatório Sul-Sudeste, que é o mapeamento das universidades para o enfrentamento dos assédios e outras violências. Em sua apresentação, mostrou o mapa elaborado a partir das pesquisas preenchido pelas parceiras sobre as instâncias de acolhimento de denúncias, enfrentamento às violências e estímulo ao acesso e permanência.

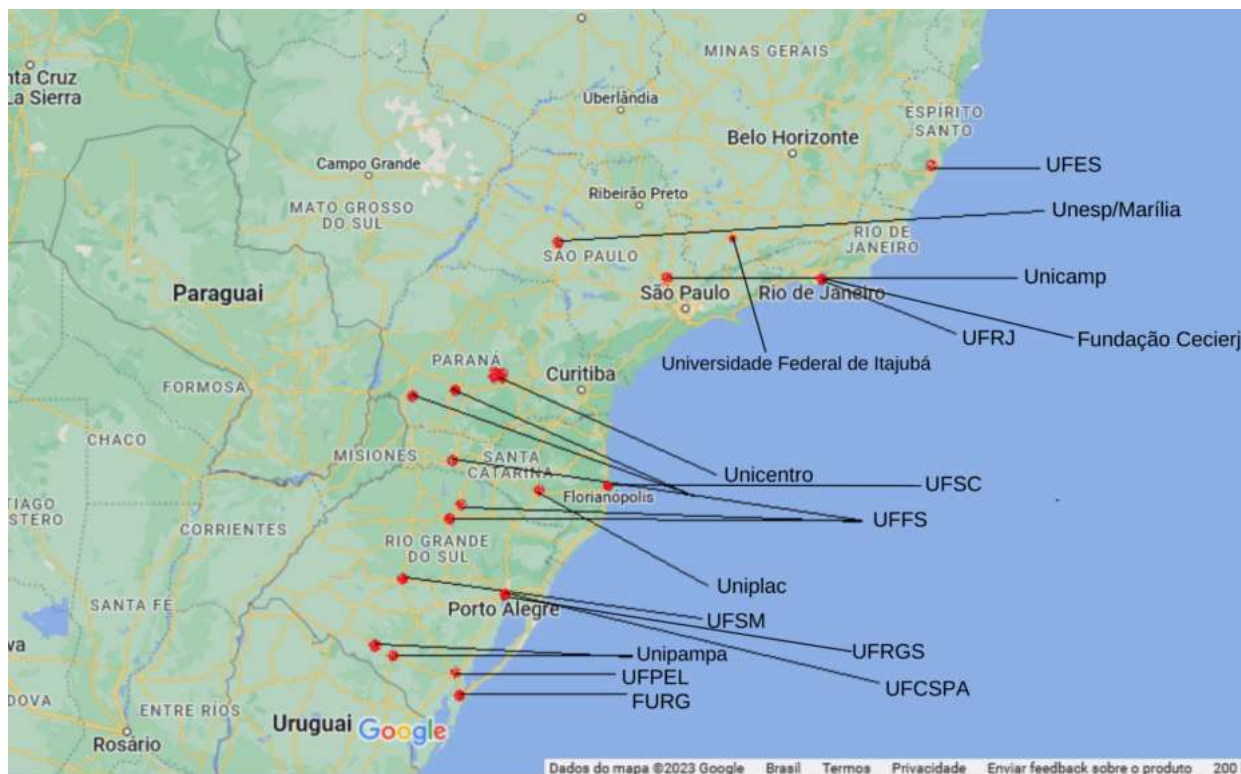
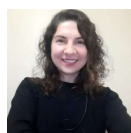


Imagem 3: Mapa das IES parceiras do Observatório Sul-Sudeste. Elaboração: Morgani Guzzo.

Passos seguintes

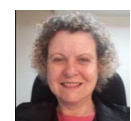
No início de 2024, os primeiros resultados das análises de dados, do levantamento de boas práticas e das atividades das nucleações foram divulgados. A articulação com as redes, assim como a publicização de trajetórias de cientistas pioneiras e de iniciativas inovadoras e de desigualdades na ciência e na academia são algumas das ações previstas para os primeiros meses, que também serão divulgados em um relatório do Observatório Sul-Sudeste, que estará no ar em breve.



Morgani Guzzo é Pós-doutoranda do INCT Caleidoscópio. Doutora em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH/UFSC), mestre em Letras pela Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro-PR), e especialista em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela mesma Universidade (2010).



Rebeca Buzzo Feltrin é Pós-doutoranda do INCT Caleidoscópio. Possui graduação em Processamento de Dados pela Faculdade de Tecnologia de São Carlos em Ciências Sociais (2014), mestrado em Política Científica e Tecnológica na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP em Ciências Sociais da Ciência e da Tecnologia. Fez doutorado no mesmo departamento (2012), com estágio de doutorado na Universidade de São Paulo (2013).



Joana Maria Pedro é Membro do Comitê Gestor do INCT Caleidoscópio. Possui graduação em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2000) e doutorado em História Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (1979) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1992). Prof. Adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina. Fez pós-doutorado na França, na Université d'Avignon, entre 2001 e 2002, e também nos Estados Unidos, na Universidade de Wisconsin-Madison, em 2017.



Observatório Sul-Sudeste de desigualdades, iniquidades e violências de gênero nas universidades: uma primeira análise do mo 2023

Rebeca Buzo Feltrin, Uni

Karla Bessa

Maria Margaret Lopes, Unicamp, r

Este artigo traz uma primeira amostra da pesquisa em desenvolvimento sobre a situação atual e histórica (2005-2022) da participação d áreas do conhecimento, a partir do banco do Painel de Fomento em Ciência, Tecnologia e Inovação do CNPq, lançado em setembro de levantamentos já realizados, apresentamos um recorte do perfil interseccional de pesquisadoras e pesquisadores seniores do país no ar analisar a distribuição das bolsas de produtividade em seis áreas disciplinares dentro das chamadas ciências humanas. A escolha dessas para essa primeira amostra é justificada tanto pelo fato de que, usualmente, se considera tais áreas como as com maiores participações melhor nos conhecermos, tendo em vista que é justamente nas humanidades que se concentra a grande maioria dos núcleos de gênero Observatório Sul-Sudeste do INCT Caleidoscópio. Um objetivo central da amostra, além de divulgar essa nova ferramenta de pesquisa e divulgar a possibilidade de explorar de diversas maneiras os dados obtidos pelo Painel. Nesse caso exemplificamos algumas relações p partir do 'perfil interseccional' das/os bolsistas na modalidade de produtividade em pesquisa. Disponibilizamos também a possibilidade Interseccional de Perfil – AIP (Feltrin, 2021) adaptado para as análises empreendidas no âmbito do Observatório Sul-Sudeste, uma inova análise de perfil de forma interseccional. Este tipo de análise busca captar a complexidade do universo analisado, não se limitando a qu mulheres recebem bolsa de produtividade”, mas estendendo o debate para “quais mulheres recebem bolsa produtividade”, já que elas homogêneo e os diferentes marcadores sociais que as atravessam influenciam na sua entrada, permanência e ascensão na carreira acad

Inúmeras pesquisas já apontaram que as mulheres enfrentam dificuldades extras para ascender na carreira acadêmica (Lima, 2008; Lope relacionadas ao domínio cognitivo ou à competência, mas a preconceitos socioculturais de gênero e/ou outros marcadores sociais da d barreiras nos indicam que o mundo da ciência está longe de ser neutro e imparcial (Velho & Prochazka, 2013), reforçando os mesmos p que está inserido. Neste contexto, a análise do perfil interseccional das bolsistas produtividade do CNPq poderá fornecer indícios valios mulheres na carreira científica no país, uma vez que o CNPq é um dos principais órgãos de fomento à pesquisa no Brasil e a única agên de produtividade aos pesquisadores/as, a qual pode ser considerada um importante indicador de senioridade na carreira acadêmica.

Distribuição das bolsas de fomento no país a partir dos dados do Painel de Fomento em Ciência, Tecnologia e Inovação do CNP

O Painel de Fomento apresenta uma ampla gama de dados desagregados sobre os bolsistas CNPq de todos os níveis (da Iniciação Cier Pesquisa (Pq)), e em diferentes dimensões no período de 2005 até setembro de 2023, permitindo a realização de cruzamentos e análises Painel nos dá um panorama da participação das mulheres nas carreiras científicas no país, embora ainda tenhamos limitações para a re distribuição das bolsas produtividade em áreas das Ciências Humanas.

A primeira delas é que o Painel não disponibiliza dados sobre a demanda pelas bolsas de produtividade, impossibilitando analisar se as tendo suas demandas atendidas ou não de forma equitativa às dos homens, durante o processo de seleção para bolsistas produtividade fato de não contarmos com dados do universo total de pesquisadores no país em nível compatível para receber bolsa produtividade n de que algumas mulheres podem aplicar para a bolsa produtividade mais tardiamente que os homens ou outras sequer aplicarem, emb traçado. Tais hipóteses seriam interessantes de serem testadas, já que a relação entre o universo total de pesquisadoras seniores por ár bolsa seriam importantes indicadores sobre a ascensão de mulheres na carreira acadêmica.

Assim, o Painel nos mostra apenas quais as pesquisadoras foram contempladas com as bolsas produtividade, ou seja, aquelas que já es medida neste seletivo grupo. Outra dificuldade a ser levada em conta para tecermos mais amplas considerações interseccionais entre as gênero, raciais/étnicas e regionais é que a introdução do quesito cor/raça só foi incluída em 2013 no Lattes (Schwarcz & Machado, 201: bolsistas que não declararam cor/raça, o que pode ser considerado pequeno se comparado ao universo total de bolsistas do CNPq, ma produtividade esse quesito alcança cerca de 16%.

O tratamento dos dados coletados na plataforma do CNPq foi realizado com auxílio do software de Análise Interseccional de Perfil – AI na linguagem Python para o uso no presente projeto, tendo em vista o grande volume de dados a serem processados (para cada ano a linhas de registros e mais de 900 mil células de dados). O programa é capaz de analisar milhares de linhas de uma planilha Excel®, com sujeito (como sexo/gênero, cor/raça, região etc.) e o atribui um “perfil”. A seguir, agrupa os perfis idênticos e, finalmente, contabiliza ca idênticos(grupos), apresentando a frequência absoluta de cada perfil (número) e relativa(percentual com relação à amostra total). O AIP

do mais frequente para o menos frequente em cada dimensão analisada. Isso nos possibilita entender como as variáveis se comportam retrato mais sensível e qualificado do grupo analisado (Feltrin et al, 2021).

O conceito de "PERFIL" foi concebido para dar conta da análise dessas diferentes dimensões ou variáveis de forma conjunta, ou seja, ele inúmeras variáveis ou marcadores sociais de diferença, a depender da análise pretendida. Os perfis que conseguiram alcançar com maior produtividade ao longo de suas carreiras, também nos dão indicadores dedutivos dos grupos que foram excluídos, sejam pelos processos de pontuação para aquisição das bolsas ou por sequer terem condições de estarem entre os concorrentes, por diferentes questões de acesso (muitas vezes, anteriores à bolsa produtividade). A metodologia aplicada no AIP é capaz de operacionalizar as variáveis de diferenças sociais ampliando a compreensão sobre como as diferenças impactam e produzem desigualdades sociais e como operam as diferentes formas (2021). É importante destacar que longe de pretender reduzir os indivíduos a categorias fixas, o objetivo da análise é compreender como compostas por múltiplos fatores que operam de maneira combinada e que tais categorias são fluidas, se comportando de maneira distinta e período histórico (Feltrin et. al, 2021).

Distribuição de bolsas produtividade CNPq por sexo, cor, região e área do conhecimento

Como objetivo de elaborar um panorama geral dos pesquisadores brasileiros financiados pelo CNPq no período de 2005 a setembro/2023, os dados mais amplos sobre a distribuição das bolsas na modalidade produtividade em pesquisa.

Considerando as principais modalidades de bolsas da agência em diferentes níveis de carreira (da IC a Pq) as bolsas estão concentradas (29%), seguida de bolsas de produtividade (23%) no período de 2005 até setembro de 2023. Os dados que temos categorizam as diferenças binária, por isso, a análise a seguir não inclui outras identidades de gênero. A distribuição de bolsas nas modalidades selecionadas se concentra em mulheres e homens, mas percebemos que as mulheres se concentram nas bolsas iniciais e conseqüentemente mais baixas na carreira. 51,80% das pesquisadoras, recebeu bolsas de iniciação científica. Bolsas mais valorizadas e em maior nível na carreira, como é o caso de bolsas de produtividade em pesquisa foram concedidas a 15,8% do total de mulheres pesquisadoras.

As bolsas destinadas ao perfil de homens apresentam uma distribuição diferente, quando comparada às de mulheres. Embora haja uma maior iniciação científica, estas representam 38,23% (contra 51,8% das bolsas de IC de mulheres) do total de bolsas nas modalidades selecionadas de produtividade, que representam 30,22% do total (contra 15,87% das bolsas Pq de mulheres). Os dados sugerem que os homens têm um acesso a bolsas mais valorizadas da carreira acadêmica, ao menos em números brutos. Quando olhamos por área de conhecimento, pode-se perceber que a distribuição seja distribuído por áreas cuja concentração de homens seja maior do que de mulheres. Ou seja, o problema também estaria nas áreas de conhecimento que buscam de homens por atuarem nestes campos de pesquisa consideradas "relevantes" para o CNPq. Gerando um ciclo vicioso de desigualdade nas estruturas de pesquisa do país. A maior concentração de mulheres encontra-se nas humanidades e em algumas áreas da saúde. Assim, uma estrutura hierárquica de valorização de certas áreas de conhecimento que promovem essa disparidade de gênero, por atrair mais homens e menos mulheres/meninas.

Considerando a distribuição das bolsas de produtividade em pesquisa, por serem um indicador de senioridade na carreira acadêmica, a distribuição é mais desigual, em apenas um ano. Em 2022 foram distribuídas pelo CNPq 15.099 bolsas produtividade e 16.739 benefícios. A área de Ciências Exatas foi a grande área que recebeu o maior número de bolsas, com 21,72% do total de bolsas nessa modalidade, seguida das Ciências da Saúde (13,96%). A área de Ciências Humanas ficou na quinta posição na distribuição de bolsas produtividade, com 12,81% do total. As áreas de conhecimento também se mantêm nos níveis mais altos da carreira e, novamente, são as áreas que mais concentram homens como bolsistas.

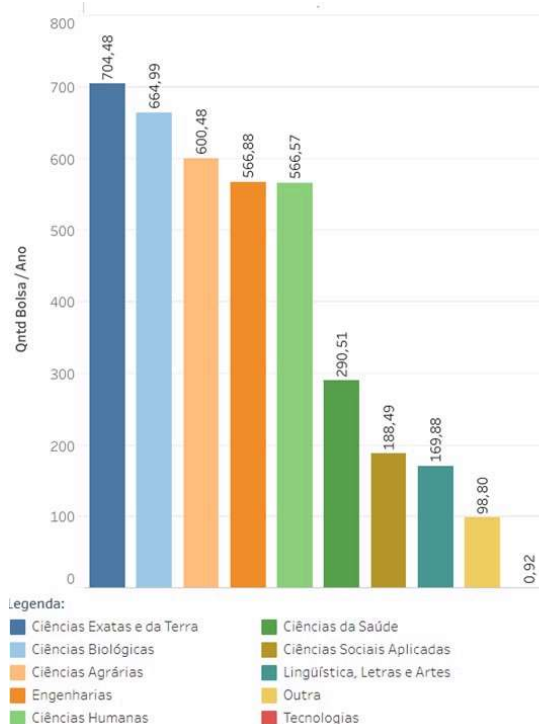


Figura 1 – Distribuição de bolsas produtividade por grande área (2022)

Quando analisamos a distribuição de bolsas por sexo, percebemos um predomínio de bolsistas homens nesta modalidade, representam bolsistas contra apenas 34,24% para mulheres. Ao adicionarmos na análise a dimensão “grande área”, percebemos que as áreas em que bolsistas produtividade difere bastante das áreas que mais receberam bolsas do CNPq nesta modalidade. Enquanto 20,24% das mulheres estão nas Ciências Biológicas, seguida de 17,99% nas Ciências Humanas e 15,44% nas Ciências da Saúde, os homens estão concentrados áreas que receberam o maior número de bolsas nesta modalidade, sendo elas 26,89% nas Ciências Exatas e da Terra, seguida de 17,26% empatadas com 14% das bolsas cada, as grandes áreas de Ciências Biológicas e Agrárias. Vale destacar que menos de 10% do total de homens estão nas Ciências Humanas (9,9%) e Ciências Biológicas (8,21%), as quais são as principais áreas de concentração de mulheres nesta modalidade.

Ao analisarmos o marcador cor/raça, independente de sexo/gênero, nas bolsas de produtividade percebemos que 70,32% dos bolsistas se declararam de cor branca, 1,48% se declararam de cor preta, 1,70% amarela e apenas 0,27% se declararam indígenas. Na amostra, 16,47% dos bolsistas não declararam cadastros na agência. Considerando a diversidade da população brasileira, a distribuição por sexo/gênero e cor/raça dos bolsistas produtivos representativas dessa realidade.

Observando a distribuição das bolsas produtividade por região, identificamos que 57,61% dos bolsistas estão nas IES da região Sudeste Sul e 13,71% na região Nordeste do país. As outras regiões, somadas, não excedem 10% das bolsas nesta modalidade. Há uma desigualdade no país: as regiões sudeste e sul são as que concentram IES, programas de pós-graduação e docentes com título de doutorado, resultando em uma consequência deste modelo.

Perfil interseccional das pesquisadoras e pesquisadores seniores do país: uma análise a partir da distribuição das bolsas de produtividade em Ciências Humanas do CNPq (2022)

Após os cruzamentos dos dados gerais sobre a distribuição de bolsas na base do Painel de Fomento em CTI do CNPq, trabalhamos com os dados disponibilizados pelo CNPq e utilizamos o software AIP para realizar uma análise interseccional dos perfis mais frequentes que receberam bolsas em 2022, considerando as variáveis sexo e raça nas dimensões região e área disciplinar.

Quando consideramos sexo e região, observamos que o perfil mais frequente – aquele que congrega o maior número de bolsistas com marcadores e dimensões selecionados – é o masculino na região sudeste, seguido do feminino na mesma região, como esperado, já que o maior número de bolsistas. O interessante é que os perfis seguintes são o masculino na região sul, seguido de também masculino na região nordeste, quinta posição, voltamos a identificar um perfil feminino, na região sul. Ao fazermos o mesmo teste com o marcador cor e a dimensão de concentração de bolsistas brancos da região sudeste, seguido de brancos da região Sul, não declarados no Sudeste e bolsistas brancos não brancos (pardos) aparece no Sudeste, na quinta posição dentre os mais frequentes.

Ao associarmos cor e sexo, com as dimensões região e área disciplinar, temos um retrato interessante dos perfis mais frequentes dos bolsistas produtivos.

O perfil mais frequente neste caso é o masculino, branco, da região sudeste e da área disciplinar da Física, com 167 bolsistas (frequência relativa de cerca de 1% do total do universo analisado). O primeiro perfil feminino aparece em nona posição dentre os mais frequentes.

mulheres, brancas, da Educação na região sudeste. O primeiro perfil fora da região sudeste está na 13ª posição e é da região sul, masculino. O primeiro perfil não-branco (dentre os que declararam cor) foi Pardo, masculino, da Física na região Sudeste, com 39 bolsistas. O perfil esteve na região sudeste, sendo masculino na Física (com 19 bolsistas). O primeiro perfil mais frequente que se declarou de cor preta, foi Física da região sudeste, com 12 bolsistas neste perfil. Finalmente, o primeiro perfil indígena foi o masculino, da física na região nordeste de um empate entre 5 perfis com 2 bolsistas cada, onde apenas um deles é feminino (área de engenharia de materiais, região nordeste da área de exatas e engenharias (masculino da área de educação, região sul). Dos 49 bolsistas indígenas, sendo a grande maioria lotada bolsistas, sendo 23 deles no Sudeste), concentrados nas áreas de exatas e saúde e apenas 16 são mulheres.

Total	05_Área	08_Sexo	09_Cor ou ...	12_Região
167	Física	Masculino	Branca	Sudeste
109	Química	Masculino	Branca	Sudeste
101	Agronomia	Masculino	Branca	Sudeste
94	Física	Masculino	Não desejo d...	Sudeste
84	Engenharia de Materiais ...	Masculino	Branca	Sudeste
78	Geociências	Masculino	Branca	Sudeste
77	Matemática	Masculino	Branca	Sudeste
75	Medicina	Masculino	Branca	Sudeste
70	Educação	Feminino	Branca	Sudeste
70	Engenharia Mecânica	Masculino	Branca	Sudeste
69	Engenharia Elétrica	Masculino	Branca	Sudeste
67	Medicina	Feminino	Branca	Sudeste
63	Agronomia	Masculino	Branca	Sul

As Ciências Humanas apresentaram, em 2022, 2.128 beneficiários e 1.934 bolsas de produtividade, o que corresponde a cerca de 12,71% analisado. Com o foco nas bolsas produtividade em 6 áreas disciplinares selecionadas (sociologia, ciência política, antropologia, filosofia dentro das Ciências Humanas, objeto deste trabalho, temos 1.449 bolsas distribuídas entre 1.595 bolsistas, sendo 52,46% homens e 47,5% mulheres, que embora as Ciências Humanas não seja uma área de concentração dos homens bolsistas produtividade (menos de 10% desses estão em áreas humanas), embora seja uma área de concentração de mulheres, quando comparamos a distribuição de bolsas por sexo, mais da metade são homens.

Ao agregarmos os bolsistas com a metodologia interseccional, temos 596 diferentes perfis (considerando cor, sexo, região e área disciplinária) distribuídas em 236 perfis, sendo 157 perfis únicos, e 837 homens distribuídos em 239, sendo 158 únicos. No primeiro momento, identificamos perfis distribuídos em mais perfis do que os homens (proporcionalmente), o que poderia representar uma maior diversidade. Entretanto, as mulheres são as mais frequentes da amostra, e tal concentração em poucos perfis representa uma homogeneização do grupo, ou seja, uma menor diversidade. Podemos supor que as mulheres que conseguem ultrapassar as barreiras e se beneficiarem de bolsas produtividade nessas áreas são "raras", demonstrando que outros fatores como cor/raça, região de vinculação e área de atuação (mais ou menos prestigiadas) influenciam fortemente a ascensão e reconhecimento na carreira.

Percebemos que os perfis mais frequentes (que concentram o maior número de bolsas) são da área de Educação, são brancos e estão na primeira ordem dos mais frequentes, temos com 70 bolsistas o perfil Feminino, Branco, Sudeste, da área de Educação, seguido de um empate, com 69 bolsistas, Feminino, branco, sul, também da área de Educação, e do perfil Masculino, Branco, da região sudeste, também da área de educação. O primeiro perfil da Educação é o da Ciência Política, sendo masculino, branco e da região sudeste, com 24 bolsistas, seguido da Sociologia, Masculino, Branco, com 20 bolsistas.

O primeiro perfil "pardo" de maior frequência é feminino, da região sudeste e da área de educação, com 9 bolsistas. O segundo perfil, é o da área de História, com 6 bolsistas, seguido com um empate (com 5 cada) de bolsistas com perfil masculino, da área de Educação e da área de História. No caso do perfil preto, o mais frequente é masculino, da região sudeste e da área de História, com 4 bolsistas. Empatados na segunda posição entre os que se declararam pretos, temos o feminino, da região sudeste da área de educação e o masculino, do nordeste também da área de educação.

A situação dos grupos autodeclarados como "indígenas" é ainda mais emblemática. Temos apenas 7 bolsistas produtividade nas áreas de exatas e engenharias. Interessante perceber que a grande maioria dos perfis indígenas são masculinos, da área de Educação e estão nas regiões sul e sudeste. A distribuição de bolsistas indígenas nas regiões sul e sudeste não seja mais que mais tenham representantes deste grupo étnico no país.

Da mesma forma, embora as regiões norte e nordeste do país tenham uma maior concentração de declarados "pretos" e "pardos", os perfis de ambos os grupos estão na região sudeste, o que parece nos indicar que as barreiras para a ascensão na carreira de determinadas minorias produtivas são intensificadas ou amenizadas por outros marcadores e dimensões que os atravessam, como gênero, área de atuação e região.

Neste contexto, podemos inferir que as oportunidades e maiores chances em receber bolsa produtividade nas áreas analisadas de determinadas minorias produtivas (estão intimamente relacionadas) à quantidade de características consideradas "dominantes" (branco, homem, área de Educação).

suldeste). No caso da análise apresentada, o perfil "dominante" não foi identificado a priori, mas a partir de sua maior concentração nos uma maior frequência e, conseqüentemente, probabilidade de ascensão na carreira. No caso das áreas selecionadas nas ciências humanas de gênero e raça entre os bolsistas, além de existirem áreas mais prestigiadas dentro do campo, somada a uma desigualdade regional e outros fatores que influenciam na ascensão na carreira de determinados grupos. Alguns espaços e áreas parecem ser mais "amigáveis" a essas oportunidades. Esses perfis minoritários quando se tornam mais frequentes podem inspirar novas gerações a seguirem a carreira acadêmica. Da mesma forma, a falta de perfis minoritários em outras áreas e regiões podem desestimular essas novas gerações pela dificuldade de modelos a serem seguidos na carreira acadêmica.

A discussão apresentada neste trabalho nos deu uma amostra das possibilidades e da potência das análises interseccionais, levantando "dominâncias", para que possamos repensar o lugar das mulheres (cis e trans) nas diferentes áreas do conhecimento. Além disso, tais análises avaliam as estruturas hierárquicas de distribuição de bolsas e outras formas de fomento à pesquisa pelo Estado, tendo em vista que "estratégias" costumam estar direcionadas ao desenvolvimento econômico do país, mas que não irão se traduzir em uma melhoria da população geral se não vierem acompanhadas de desenvolvimento em outras dimensões, como o social e o ambiental. As ciências humanas que poderiam contribuir para um desenvolvimento social mais justo e igualitário estão entre as áreas que menos receberam incentivo.

Os números, gráficos e estatísticas podem nos auxiliar a refletirmos mais abertamente sobre o modelo de país e de desenvolvimento que estamos dando também elementos para questionar essas formas de hierarquização dos saberes na ciência. Sabemos que "des-hierarquizar" os saberes e a identificação dos "perfis" que alcançam espaços de prestígio, mas lançar luz sobre este aspecto nos ajuda a revelar as estruturas que sustentam essas desigualdades. Em outras palavras, enquanto Observatório Caleidoscópio, esse monitoramento inicial nas bases de dados do CNPq tem potencial e a necessidade de expandirmos essas análises interseccionais para outras bases e áreas de conhecimento, para que possamos implementar transformações relevantes para a questão da desigualdade de gênero na produção do conhecimento, como também repensar os perfis que estamos reiterando, sem deslocar ou fazer ruir hierarquias e desigualdades há muito instituídas nas ciências brasileiras.

REFERÊNCIAS

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Manual do usuário do Painel de fomento. 2023. Disponível em: https://br/aceso-a-informacao/dados-abertos/GUIADOUSURIO_GPLATPAINELFOMENTOFINAL.pdf. Acesso em: 21/01/2024

_____. Nota Técnica sobre o Painel de Fomento do CNPq. Publicada em 01/09/2023. Disponível em <http://bi.cnpq.br/painel/fomento-cti/>, 21/01/2024.

FELTRIN, Rebeca Buzzo.; VELHO, Lea.; SANTOS, Diego Ferreira. O papel da Ciência Sem Fronteiras na inclusão social: análise interseccional de um programa na Unicamp. Revista de Avaliação da Educação Superior. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/PGL9Y7s635vLs/lang=pt>

LIMA, Betina S. Teto de vidro ou labirinto de cristal? As margens femininas das ciências. [Dissertação de mestrado] Brasília: Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/3714?mode=full>

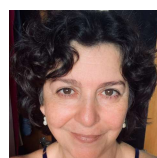
LOPES, Maria M.; COSTA, Maria C. "Problematizando ausências: mulheres, gênero e indicadores na História das Ciências". In: MORAES, Maria C. (org.) Fronteiras do Sul, 2005, p. 75-83.

SCHWARCZ, Lilia.; MACHADO, Maria Helena. Questão da introdução do quesito cor/raça no CV Lattes. artigo publicado no Portal Geledes em: <https://www.geledes.org.br/schwarz-machado-questao-da-introducao-do-quesito-cor-raca-no-cv-lattes/>

VELHO, Lea.; PROCHAZKA, Mariana. No que o mundo da ciência difere dos outros mundos?. Revista ComCiência. 2003. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/mulheres/09.shtml>



Rebeca Feltrin é Pós-doutoranda do INCT Caleidoscópio. Possui graduação em Processamento de Dados pela Faculdade de Tecnologia de Campinas (2014), mestrado em Política Científica e Tecnológica na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (2016) e doutorado em Ciências Sociais pelo mesmo departamento (2019), com estágio de doutorado na Universidade de São Paulo (USP) no campo dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia. Fez doutorado no mesmo departamento (2012), com estágio de doutorado na U



Karla Bessa é vice-coordenadora do INCT Caleidoscópio. Coordenadora Associada do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu da Universidade (UNICAMP). Professora dos Programas de Pós-Graduação em Multimeios (Instituto de Artes) e do Doutorado em Ciências Sociais (IFCH) graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia (1990), Mestre (1994) e Doutora (2000) em História Social pela Universidade



Maria Margaret Lopes é membra do Comitê Gestor do INCT Caleidoscópio. Possui graduação em Geologia pela Universidade de São Paulo e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1988), doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1993) e Livre Docência em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas (2002).



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E CINE-DEBATE COMO ESTRATÉGIAS POLÍTICO-PEDAGÓGICAS CONTRA DESIGUALDADES INTERSECCIONAIS

Elizabeth Ruano

Viviane de Melo Resende

Maria Carmen Aires Gonçalves

Este relato de experiência apresenta os resultados do projeto de extensão “Caleidoscópio Enredado nas Escolas: Femifilme Cine-Debate em 2023 em parceria com o Instituto Federal de Brasília (IFB) – Campus São Sebastião, o Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade Avançados Multidisciplinares (CEAM), o Laboratório de Estudos Críticos do Discurso, o grupo Afecto e o Grupo de Estudos Interdisciplinares de Financiamento dos editais Licenciaturas em Ação e PIBEX da Universidade de Brasília. Aqui refletimos sobre a construção coletiva do ser de debate inspirados em pedagogias feministas e interseccionais que priorizam as vivências das pessoas participantes (SILVA; CURTI, 2023).

A proposta extensionista surgiu da articulação entre o projeto de extensão Femifilme cine-debate, que foi proposto em 2019 e continuou extensionista do GREIG/ELA/ICS/UnB, e o projeto de desenvolvimento e inovação “INCT Caleidoscópio – Instituto de Estudos Avançados Desigualdades e Violências de Gênero e Sexualidade e suas Múltiplas Insurgências”, apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sediado na UnB e com presença nas cinco regiões brasileiras.

Com o uso de audiovisuais, a ação extensionista debateu sobre as desigualdades interseccionais de acesso à Universidade Pública, por parte dos estudantes pelas ciências, pelo ensino superior e pela UnB. A linguagem audiovisual, como ferramenta didático-pedagógica, além de abordar distintos problemas sociais, é motivadora, pois se aproxima do cotidiano dos/as estudantes (SANTOS, 2020). A temática do projeto de extensão no contexto de acirradas desigualdades de gênero na vida social como um todo e no campo da educação em particular.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2021) nos confronta com o diagnóstico do crescimento das violências contra mulheres em setores públicos e privados. Nas universidades, as violências de gênero, sobretudo quando interseccionadas à raça, classe e geopolítica seguem subnotificadas, o que se agrava quando observamos os obstáculos que se impõem às mulheres nas ciências (SILVA; COSTA, 2023). O projeto de extensão utilizou o cine-debate como instrumento didático-pedagógico e ético-político, objetivando fomentar o debate sociopolítico tendo como mediadoras as extensionistas, graduandas bolsistas, e as professoras da UnB e do IFB, acerca de temáticas de gênero e feministas e interseccionalidades e desigualdades sociais.

Em 2023, o projeto de extensão foi realizado em nove etapas subsequentes assim organizadas: 1) formalização da ação extensionista junto ao IFB – Campus São Sebastião; 2) planejamento e seleção de bolsistas; 3) formação extensionista das graduandas bolsistas; 4) realização da 1ª sessão do Femifilme; 5) realização da 2ª sessão do Femifilme; 6) avaliação da 1ª e 2ª sessão do Femifilme; 7) participação na Semana Universitária 2023, no I Seminário Internacional Professores UnB+Escola, no V Encontro de Extensão da UnB e na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia; 8) realização de visita de estudo de São Sebastião ao campus Darcy Ribeiro, UnB, e 9) sistematização e apresentação do relatório final. Este relato de experiência mostra também as ações na formação das bolsistas extensionistas.

Planejamento e execução da ação extensionista

Provocadas pelos editais de extensão da Universidade de Brasília em 2023, e como membras da coordenação e do comitê gestor do INCT, aproveitamos a oportunidade para iniciar as atividades do eixo extensionista do INCT. A experiência anterior de Elizabeth Ruano na condução dos Estudos Latino-americanos mobilizou a construção do projeto.

A escolha dos audiovisuais, um filme de ficção (MUYLAERT, 2015) e um documentário (CARVALHO, 2021), obedeceu aos critérios de: i) projeto de extensão (acesso ao ensino superior e relações de gênero e suas intersecções); ii) audiovisuais voltados para contextos das cineastas brasileiras. As reuniões de planejamento também consideraram questões logísticas uma vez que o método proposto para o debate, então nos atentamos para a reserva de espaço físico com capacidade para, no mínimo, 70 participantes, acessibilidade de pes equipamentos eletrônicos que viabilizassem a transmissão dos audiovisuais. A parceria com o IFB São Sebastião foi construída nesse planejamento, e foi seguido pela seleção das bolsistas por editais.

Em nossas ações aplicamos sempre o instrumento pedagógico das seqüências didáticas (SD), planejadas e organizadas, de acordo com o conteúdo a ser alcançado, a partir de atividades situadas e contextualizadas, que serão desenvolvidas, a partir da organização dos conteúdos, a escolha do planejamento de atividades. Tal instrumento pedagógico permite desenvolver o conhecimento pedagógico do conteúdo de forma reflexiva e colaborativamente. Nosso objetivo, nas ações desenvolvidas, foi criar situações de reflexão para que os/as/es estudantes refletissem sobre a cultura popular e as relações de gênero e suas intersecções, em suas múltiplas dimensões, de modo que eles/elas se sentissem desafiados/as/e a aplicar conhecimentos na tentativa de buscar explicações (mais) críticas.

Dessa forma, foi realizada uma oficina de formação extensionista onde se discutiu a elaboração de seqüências didáticas (SD). Conforme uma ferramenta docente que reúne um conjunto de atividades, estratégias e intervenções planejadas por etapas progressivas e interligadas, a SD radica, entre outros motivos, no fomento à reflexão crítica e autocrítica acerca do objeto de estudo, conjuntamente às experiências e conhecimentos diretamente envolvidos. A oficina de elaboração de SD contou com a participação da docente do IFB Maria del Pilar Acosta, integrante do grupo que tem atuado no ensino médio com ênfase em temáticas de gênero, a exemplo de seu premiado projeto "Heroínas sem Estátua".

A primeira sessão do femifilme cine-debate, realizada em 10 de julho de 2023, exibiu o filme *Que horas ela volta* (2015), da diretora Ana Karoline de Azevedo. A longa-metragem aconteceu no auditório do IFB São Sebastião. Para conduzir a ação, a elaboração conjunta da SD aconteceu em reunião com as bolsistas e extensionistas reuniram-se com o objetivo de construir uma SD instigadora para pensar criticamente as temáticas retratadas no filme: as vivências de pessoas em situação de vulnerabilidade social e estudantes de escola pública que pretendem ingressar no ensino superior. Durante o planejamento, foram profícuos, em função principalmente das experiências narradas pelas extensionistas e estudantes. Para o primeiro debate mostrou-se eficaz para as temáticas formuladas na SD, proporcionando o engajamento entre a comunidade acadêmica do IFB.



Imagem 1: Primeira turma – Anastácia Vaz. Foto: Arquivo pessoal das autoras

No dia da primeira sessão, o debate tomou a forma de roda de conversa, estratégia didática em que participantes têm oportunidade de compartilhar suas experiências e conhecimentos, com a mediação do mediador. O cine-debate partiu da questão norteadora: quais os obstáculos que estudantes de escolas públicas e pessoas com acesso à educação superior pública? A questão foi respondida individualmente mediante link que permitiu a elaboração de uma nuvem de palavras com o uso da ferramenta pedagógica Mentimeter, que permite a participação ativa dos/das estudantes, anonimamente, durante a roda de conversa. O compartilhamento do conhecimento em tempo real. As respostas percorreram temas e experiências, como a desigualdade socioeconômica, a falta de oportunidades, o estudo simultâneo a trabalho, a alimentação e o transporte público precário, apontando dificuldades de acesso à educação superior.

Palavras como submissão, revolta, desigualdade e incentivo resumiram as emoções do grupo de estudantes com o tema. A nuvem de palavras gerada durante a discussão, quando as extensionistas do projeto, graduandas da UnB, relataram suas experiências de acesso à universidade e as dificuldades enfrentadas (como estudantes de baixa renda para permanência no ensino superior, e discutiram políticas públicas educacionais que favoreçam a permanência na universidade).

Na segunda sessão, realizada em 30 de agosto de 2023, foi exibido e debatido o documentário "Sin&Nhá: entre o palco, vida real e os bastidores", de Caroline Carvalho, que pauta o racismo enfrentado por mulheres negras no mercado de trabalho, especificamente no varejo. O debate abordou as experiências de mulheres negras no mercado de trabalho; as vivências de mulheres brancas no mesmo contexto; o racismo no ambiente de trabalho.



Imagem 2 – 2ª Sessão Femifilme – Plateia. Foto: Arquivo pessoal das autoras

Participantes responderam oralmente à pergunta “Você já presenciou uma situação de racismo na escola? Se sim, como foi?”, em dinâmica da classe, Pilar Acosta, que solicitava manifestações da turma à medida que fazia os registros de presença. Aproximadamente um terço presenciado situações de racismo no ambiente escolar. Parcela equivalente afirmou ter presenciado uso de “apelidos”, “brincadeiras”, “z” que não entendiam como práticas racistas. Um terceiro grupo de estudantes afirmou que ocorreram situações de racismo no espaço es confortáveis para falar a respeito.

Duas estudantes relataram uma situação de racismo naquele mesmo dia: estudantes teriam jogado bananas para um colega negro, o c situação foi complexa e trouxe tensão a esta segunda sessão do cine-debate, mas o debate que se instaurou a partir desse incidente fo muitas vezes ocultas ou silenciadas pudessem vir à tona. Uma consequência posterior do episódio foi que a professora da classe mobili médio, levando a conhecimento da administração a prática racista ocorrida em sala de aula.

Outros depoimentos relataram atos racistas “da escola não, da vida sim”. Por exemplo: terem ouvido dizer que tinham “cabelo bombril” às pressões sociais, aderiram ao alisamento químico e que abandonaram o procedimento (retirada, mediante um único corte ou grand cabelo quimicamente tratado) graças ao empoderamento e letramento racial, que associaram a sua experiência escolar. A bibliografia s capilar de cabelos crespos ou cacheados para atender pressões sociais de adequação estética no contexto brasileiro revela o padrão he calcado na branquitude (EUGÊNIA, 2021). O uso do cabelo liso, escovado, alisado com chapinha ou com produtos químicos, além de m mercado, revela a internalização de normas sociais estigmatizantes, que refletem o racismo estrutural. Nesse contexto, a questão do cal se revela como resistência identitária nos embates estéticos.

O debate continuou com a proposta de discussão em pequenos grupos de uma série de enunciados extraídos do documentário assistic apresentados pelas extensionistas. A maior parte dos enunciados abordava as dimensões estética e afetiva do racismo nas relações soc temática central do documentário. Escolhemos destacar, para este relato, a discussão de dois enunciados que abrangem a percepção sc racismo e como falamos (ou silenciemos) o racismo. O debate dos enunciados “não existe preconceito, isso é coisa de gente mimimi” e levou um estudante a elaborar sua percepção de que o preconceito se naturalizou, e que por este motivo tornou-se mais difícil combat da discussão do tema. Outra estudante comentou que muitas pessoas se incomodam com o debate do tema porque não vivenciam o r utilizam enunciados como esses como justificativa para “piadas” impróprias. Foi sugerido, como forma de combate a práticas racistas d racismo recreativo (MOREIRA, 2019), aplicar sanções sociais como o constrangimento a pessoas racistas. O debate se desenvolveu prod vivências com os conceitos de racismo estrutural e racismo recreativo.

Para finalizar o cronograma do projeto de extensão, a equipe participou da sessão de apresentação de 30 projetos apoiados pelo edita âmbito do I Seminário de Formação de Professores, realizado em 28 e 29 de setembro de 2023, durante a Semana Universitária da UnB procederam realizando breves explicações de suas propostas extensionistas conforme instrução previamente recebida pela coordenaçã Planejamento e Acompanhamento Pedagógico das Licenciaturas.

Algumas equipes utilizaram formatos criativos de apresentação, como a dramatização. O formato adotado pela equipe do Caleidoscópio da ação extensionista foi o vídeo intitulado “Femifilme e INCT Caleidoscópio no IFB São Sebastião” elaborado especificamente, para ess no potencial dessa ferramenta na prática pedagógica. O vídeo reúne fotografias das ações do projeto de extensão exibidas em simultân popular de texto de autoria de Yara Martinelli, estudante da UnB. O poema registra as atividades extensionistas realizadas no IFB de São RESENDE; GOMES, 2023a; INCT Caleidoscópio e Femifilme nas escolas, 2023b).

Esse momento de divulgação das ações de extensão universitária se revelou um espaço de aprendizado e partilha de expertises para ur escolas e a comunidade como um todo mediante abordagens inovadoras e interdisciplinares. Possibilitou também a identificação de in articulação para iniciativas futuras. Bolsistas e professoras acreditamos que a participação nesse evento voltado à divulgação da extensã enriqueceu nossas jornadas, coroando a ação extensionista.

Conhecer os projetos e ações do Edital Licenciaturas em Ação 2023 e sermos agentes de extensão nos motivou a pensar na ação da cor além dos limites do campus Darcy Ribeiro, fortalecendo nosso engajamento. Nas ações de extensão vivenciamos o potencial transform

posicionamentos críticos diante das questões sociais que afetam as vidas dos corpos de estudantes que participam do nosso projeto de por nos mostrar que a ação extensionista que desenvolvemos não se configura apenas como mais uma expertise para anexar em nosso ato de apreensão da realidade com propósito transformador para garantia de direitos, especificamente o acesso à educação e a não discriminação por gênero ou raça (SÁ ET AL., 2023). É para essa perspectiva atuante e crítica que o patrono da educação, Paulo Freire (2020), nos encaminha.

Considerações Finais

O projeto nos proporcionou uma experiência de formação intelectual e profissional. O ambiente extensionista possibilitou autonomia e bolsistas, e o constante diálogo com a coordenação do projeto. O planejamento e a avaliação das etapas do cronograma oportunizar deixar de ser desafiadora. Partindo dos aprendizados de sala de aula e da vivência universitária na UnB, a experiência das extensionistas escopo do projeto – as desigualdades sociais de gênero e suas interseccionalidades -, e integrou-se ao uso de estratégias de ensino-aprendizado e do uso de audiovisuais. Conhecer e vivenciar a produção científica adentrando a escola pública através da extensão evidenciou a potência do trabalho coletivo na ampliação de formas de disseminar o conhecimento de forma crítica, coletiva e democrática.

Diante da diversidade de temas sociais suscitados, o cine-debate promoveu discussão sobre acesso e obstáculos ao ensino superior, pa identidade, desigualdades interseccionais. Para as extensionistas, o projeto oportunizou conhecimento teórico e prático, reflexão sobre aprendizado prático na elaboração e aplicação de sequências didáticas e contato com experiências de sala de aula. Possibilitou ainda id temática de gênero e suas intersecções; analisar a receptividade discente a tais discussões e propor soluções para o enfrentamento dos identificados. Para as coordenadoras, a aprendizagem sobre esses mesmos temas no contexto do ensino médio e a reflexão sobre a for marcante.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- BRASIL. Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2021). Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-pu>
- BERSANI, Humberto. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. Revista Extraprensa, 2018, v. 11, n. 2, p. 175-196.
- DA SILVA OLIVEIRA, L; CURI, P. Formação Profissional, Experiência e Dialogicidade no contexto universitário: relato de uma experiência e feminista. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, 2020, v. 15, n. 4, p. 1-18.
- EUGÊNIA, S. É proibido alisar? a aceitação do cabelo natural e o empoderamento de mulheres negras. Revista Inclusiones, v.8, p. 214-22
- FRANCO, D. A importância da sequência didática como metodologia no ensino da disciplina de Física moderna no Ensino Médio. Revist 11, n. 1, p. 151–162, 2018. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/view/2664>. Acesso
- FELIX, S. Cabelo bom. Cabelo ruim: a construção da identidade afrodescendente na sala de aula. Revista África e Africanidades, n. 11, 20
- FIGUEIRÊDO, E; NOGUEIRA, L; SANTANA, F. Igualdade de oportunidades: Analisando o papel das circunstâncias no desempenho do ENE Economia, 2014, v. 68, p. 373-392.
- FREIRE, P. Educação e Mudança. 41ª. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- INCT Caleidoscópico e Femifilme nas escolas. Femifilme e INCT Caleidoscópico no IFB São Sebastião. 2023a. Disponível em: <https://youtu.3kVikZycLP17G> acesso em 10/10/2023.
- INCT Caleidoscópico e Femifilme nas escolas. Caleidoscópico Enredado nas Escolas: Femifilme Cine-Debate 2023b. Disponível em: <https://> acesso em 10/10/2023.
- LABIAK, F; DE NOVAIS, M; DE NOVAES SILVA, G. Papo reto sobre violência contra a mulher: relato de experiência de uma prática de exte Eletrônica de Extensão, 2020, vol. 17, no 36, p. 145-158.
- LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. Estudos Avançados [online]. 2003, v. 17, n. 49, em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300016>. Acesso em: 16 set. 2023.
- MARTINI, J. Letramento audiovisual: análise, planejamento e mediação a partir de um desenho animado. 2020. Trabalho de Conclusão d graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/224308>, A
- MESQUITA, J.; TEIXEIRA, J. C.; SILVA, C. “Cabelo (Crespo e Cacheado) pro Alto, me Levando a Saltos” em Meio à Ressignificação das Iden em Contextos Sociais e Organizacionais. Revista Eletrônica de Ciência Administrativa, v. 19, n. 2, p. 227-256, 2020.

MOREIRA, A. Racismo recreativo. São Paulo: Pólen, 2019.

RUANO IBARRA, E; RESENDE, V. M.; GOMES, M. C. A. Projeto Caleidoscópio Enredado nas Escolas: Femifilme Cine-Debate. 2023. Dispon <https://noticias.unb.br/artigos-main/6780-caleidoscopio-enredado-nas-escolas-femifilme-cine-debate>, acesso em 10/10/2023.

SÁ, P., et al. Relato de experiência Caleidoscópio Enredado nas Escolas: Femifilme Cine-Debate. Trabalho apresentado no V encontro de UnB. 2023.

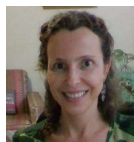
SANTOS, J. (2020). Linguagem audiovisual em sala de aula: novos sujeitos, novos objetos e novas práticas: new subjects, new objects an De Letras, v. 11, n. 2. <https://doi.org/10.22481/folio.v11i2.5577>, Acesso em: 16 set. 2023.

SILVA, F e Ribeiro, P. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. Ciência & Educação (Bauru) [online]. 2014, v. 20, n em: <https://doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>, Acesso em: 16 set. 2023.

TRAVITZKI, R; FERRÃO, M; COUTO, A. Desigualdades educacionais e socioeconômicas na população brasileira pré-universitária: Uma visã do ENEM. Education Policy Analysis Archives, 2016, v. 24, p. 74-74.



Elizabeth Ruano-Ibarra é Membro do Comitê Gestor do INCT Caleidoscópio. Pós-doutora em Linguística pelo Programa de Pós-gradu (PPGL/UnB). Doutora em Ciências Sociais com ênfase em Estudos Comparados sobre as Américas (CEPPAC/UnB). Mestra em Agronegócios Agricultura Familiar (PROPAGA/UnB). Graduada em Administración Pública Municipal y Regional (ESAP), diploma reconhecido pela Univ (UFF)



Viviane de Melo Resende é Coordenadora do INCT Caleidoscópio. Doutora em Linguística (Linguagem e Sociedade) pela Universidade associada do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP/UnB). É pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Coordenadora do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC/UnB) e vice-coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e



Maria Carmen Aires Gomes é Membro do Comitê Gestor do INCT Caleidoscópio. Formada em Letras (Português/Inglês) pela Universic (1993), Mestrado em Estudos Linguísticos/Análise do Discurso, pela Universidade Federal de Minas Gerais (1996), onde também, na UFM Estudos Linguísticos/Análise do Discurso, em 2003. É Professora Titular da Universidade de Brasília, docente no CEAM – Centro de Estud Multidisciplinares

Dicas de Leitura



Imagem: Revista Fórum Linguístico

Contra o etnoecídio: da violência política da extrema direita à resistência coletiva dos povos indígenas

Neste artigo, partimos de discursos de extrema direita sobre povos originários e seus territórios para mapear como são retomados e sua indígena no Brasil. Destacamos como a produção discursiva decorrente do maior congresso indígena brasileiro – o Acampamento Terra 2019 a 2022, respondeu aos ataques do executivo federal, agindo sobre discursos. Para isso, recuperamos alguns conceitos do giro dec delineamos contextos de ataque e resistência aos direitos dos povos indígenas no período, resumimos resultados de nossa análise ante executivo e apresentamos análises das cartas do ATL. Nossas análises apontam um crescendo da mobilização indígena em resposta aos de extrema direita entre 2019 e 2022. Os povos indígenas organizados em seus movimentos lograram assumir um papel protagonista r no Brasil.

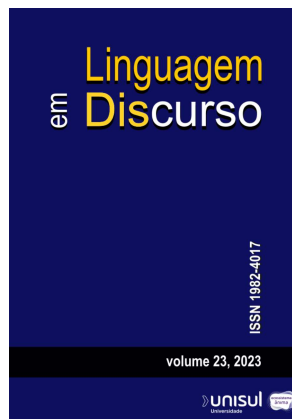


Imagem: Linguagem e Discurso

Autoria de mulheres e desigualdades de gênero no ensino superior

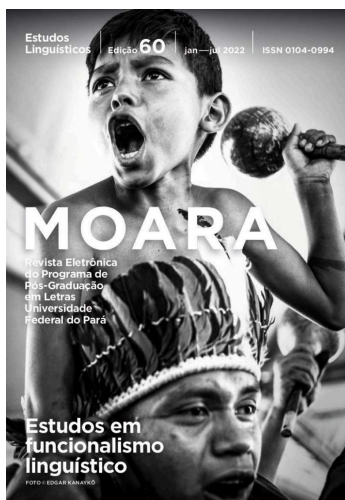
Por Elizabeth del Socorro

Neste artigo, toma-se como dado discursivo a ementa e a bibliografia obrigatória de planos de ensino superior, visando contribuir ao d gênero na divulgação de conhecimento científico. A abordagem se insere nos estudos críticos discursivos de práticas institucionalizadas que reafirmam desigualdades sociais no campo acadêmico. A proposta teórico-metodológica baseia-se nos conceitos de androcentrismo, paridade de gênero e pensamento latino-americano. Considerando o conceito básico de gênero situado, utilizam-se as categorias análise interdiscursividade e intertextualidade. Como resultado, mapeiam-se formas de manutenção da primazia masculina e da sub-representação subordinações do gênero acadêmico ao burocrático.

A escalada da violência doméstica contra mulher durante a pandemia da covid-19 no discurs

Por Cintia de Freitas Rodri

Este artigo analisa o comprometimento na ação discursiva da ONU Mulheres Brasil (@onumulheresbr) em textos de posts do Instagram doméstica contra mulheres durante a pandemia da covid-19. A categoria analítica de modalidade, conforme propõe Fairclough (2003) e assim como conceitos e categorias dos estudos decoloniais (Ballestrin 2013, 2017; Lugones 2014) e dos estudos de gênero (Akotirene 2019) foram utilizados na análise discursiva dos dados. A investigação aponta que o organismo internacional empregou esforço discursivo comprometimento tanto com as informações e posicionamentos que comunicou quanto com a noção de obrigação e necessidade sob violência doméstica nos posts analisados. No entanto, a opção por tratar problemas, ações e atores sociais de forma genérica atenua as modalidades.



Estratégias discursivas de (des)legitimação: experiências em pesquisas sobre feminicídio e atin

Por Kárin Ventura, Raylton C

Com base no paradigma qualitativo e nos estudos críticos do discurso (ECD), este trabalho objetiva discutir a aplicabilidade da categoria de legitimação. Para tanto, considerou-se recortes dos corpora das pesquisas: “Análise discursiva da representação de feminicídios no jornal ‘Representação em disputa: uma análise de discurso crítica das Parada LGBTQI+ Livre de Brasília’”, em que se utiliza o software de apoio bem como categorias de análise discursiva. Foi analisada a construção discursiva de estratégias de legitimação e deslegitimação das principais investigações: feminicídio e imprensa; movimento e parada LGBT. Os resultados apontam que fontes jornalísticas são importantes agentes discursivos. Apontam também que, para legitimar a Parada LGBTQI+ livre de Brasília, seus organizadores a comparam a outras cidades e lugares semelhantes, bem como avaliam suas ações como democráticas e as ações dos outros como antidemocráticas.

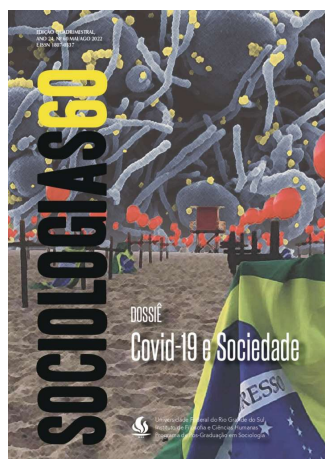


Imagem: Sociologias

Agências de mulheres nas independências das lutas bolivarianas aos levantes bra

Por Elizabeth

Focamos na agência de mulheres em movimentos de independência do colonialismo ibérico. Na trajetória política de Manuela Sáenz, na diversidade de papéis desempenhados por mulheres na independência da coroa espanhola. No caso brasileiro, as contribuições de Bárbara Pernambuco, de Maria Quitéria de Jesus Alves e de Maria Felipa de Oliveira à libertação da Bahia. Embora essas trajetórias se diferenciem, a subordinação que lhes é atribuída na historiografia é comum, daí a relevância do debate articulado de suas agências. A apropriação dos esforços individualizados pelo deslocamento das condições de subordinação patriarcal. Sua ação, contudo, foi restringida pelos padrões de travestir-se ou relegando sua relevância histórica a personagens masculinos de suas relações.

Condições de vida de mulheres quilombolas e o alcance da autonomia reprodu

Por Elionara Fernandes, Silvia Lúcia Ferreira, Cláudia Suely Fe

Trata-se de um estudo qualitativo com 10 mulheres quilombolas com idade entre 23 e 49 anos, residentes em comunidades rurais do Território Bahia Sertão Produtivo. Estas compareceram aos encontros e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados foram coletados e analisados pela análise temática de Bardin. O software NVivo foi utilizado para organização dos dados. Procedeu-se à coleta de dados pelo Comitê de Ética em Pesquisa. O objetivo é explicar a interferência das condições de vida de mulheres quilombolas na autonomia reprodutiva.



A sub-representação da autoria de mulheres na bibliografia de disciplinas de ensino

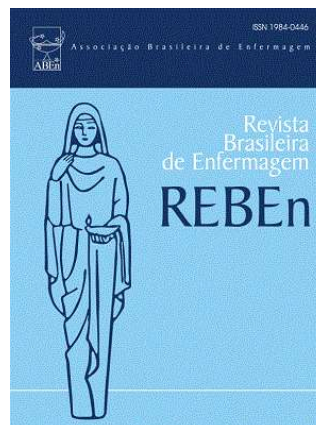
Por Elizabeth

Neste artigo analisamos alguns desdobramentos do silenciamento decorrente da prevalência da autoria masculina no estudo do pensamento latino-americano. Indagamos a reprodução de desigualdades de gênero, especificamente à sub-representação da autoria de mulheres no ensino superior convencional do pensamento latino-americano. Para essa discussão, exploramos dados resultantes de uma análise de nove edições do plano de ensino de uma disciplina de graduação sobre pensamento latino-americano; a segunda investiga autorias desconhecidas no ensino convencional do pensamento latino-americano. Para essa discussão, exploramos dados resultantes de uma análise de nove edições do plano de ensino de uma disciplina de graduação sobre pensamento latino-americano; a segunda investiga autorias desconhecidas no ensino convencional do pensamento latino-americano. Os instrumentos metodológicos de captura de dados documentais; a última inclui a revisão de sites biográficos para compor os perfis autorais mencionados. Destacamos a incipiente inclusão de autoras em planos de ensino analisados e inventariamos 64 pensadoras, de 13 países latino-americanos.

Intergenerational Transmission Between Quilombola Mothers and Daughters: Reproductive Intervening Factors

Por Gabriela Marques, Silvia Lúcia Ferreira, Ana Cleide Dias, Chirlene Pereira, Eli

Este é um estudo transversal e analítico desenvolvido com 160 mulheres, mães e filhas de comunidades quilombolas do município de Vitorino Freixo. Utilizou-se o questionário da Pesquisa Nacional de Saúde para verificar características sociodemográficas e fatores intervenientes; e a Escala de Autonomia Reprodutiva. Foram aplicados testes qui-quadrado, Mann-Whitney e Wilcoxon. Os dados foram analisados através de regressão linear simples para analisar a autonomia reprodutiva em mulheres quilombolas e os fatores intervenientes da transmissão intergeracional entre mães e filhas.



Conteúdos relacionados a profissionais de enfermagem durante a pandemia de COVID-19 na

Por Evanilda Carvalho, Paulo do Vale, K

Estudo qualitativo examinou 47 vídeos no YouTube™ postados entre 11/03 e 11/04 de 2020, os quais foram submetidos à análise temática para identificar os conteúdos dos vídeos do Youtube™ relacionados aos profissionais de enfermagem durante a pandemia de COVID-19.

Influence of the Sociodemographic and Reproductive Characteristics on Reproductive Autonomy Among

Por Ana Cleide Dias, Silvia Lúcia Ferreira, Maria I

Estudo analítico e transversal com amostra estratificada composta por 346 trabalhadoras rurais cadastradas no Programa Chapéu de Proteção. A coleta de dados ocorreu no mês de fevereiro de 2018, entre os dias 19 e 23. Utilizou-se o questionário da Pesquisa Nacional de Saúde e a Escala de Autonomia Reprodutiva. Os dados foram analisados através de análises de regressão linear simples e múltipla. O objetivo é analisar a influência das características sociodemográficas e reprodutivas sobre a autonomia reprodutiva entre mulheres através das subescalas da Escala de Autonomia Reprodutiva.



Nosso endereço de correspondência é:
Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília-DF | CEP 70910-900